

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Edinalva Persona

LEITURA DO ESTUDANTE: ANÁLISE DE CONCEPÇÕES
CONSTRUÍDAS NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Sorocaba/SP

2010

Edinalva Persona

**LEITURA DO ESTUDANTE: ANÁLISE DE CONCEPÇÕES
CONSTRUÍDAS NO AMBIENTE EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Vicente de Paula Almeida Júnior

**Sorocaba/SP
2010**

Edinalva Persona

**LEITURA DO ESTUDANTE: ANÁLISE DE CONCEPÇÕES
CONSTRUÍDAS NO AMBIENTE EDUCACIONAL**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 13/12/2010

BANCA EXAMINADORA:

Ass.: _____
Pres.: Prof. Dr. Vicente de Paula Almeida Júnior
UNISO

Ass.: _____
1º Exam.: Profª. Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza
UNISO

Ass.: _____
2º Exam.: Prof. Dr. José Dias Sobrinho
UNISO

Dedico este trabalho a minha mãe e a meu marido,
companheiros, amigos especiais e eternos...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, companheiro de uma vida inteira.

A minha mãe, Lia, com quem aprendi a perseverar, lutar e ousar. Mostrando-me que é preciso olhar sempre à frente e que, mesmo com seus 90 anos, me emprestou o tempo que lhe pertencia para que eu realizasse esse trabalho, tempo que me deu aos 4 anos de idade quando eu já achava que a figura mãe não existia. Ensinou-me, desde criança, a lutar e a perceber que o estudo e a formação são as únicas coisas que não nos são tiradas ao longo da vida.

A meu marido, Valdemir, companheiro de todas as horas; sem ele, este trabalho não se realizaria. Foi esposo, companheiro e, muitas vezes, filho... fez a minha vez em momentos muito difíceis.

À dona Maria, auxiliar nas minhas tarefas caseiras, agradeço a amizade e o companheirismo.

Ao mais que colega, Davi, que com toda paciência e perseverança nunca foi capaz de dizer não e, de forma companheira, me auxiliou na estruturação deste trabalho, quando muitas vezes dei-me por vencida frente aos recursos tecnológicos.

À colega, Durce, pela inestimável contribuição na revisão do trabalho.

As minhas diretoras da rede Estadual e Municipal, Laurene e Gabriela, que me estenderam as mãos sempre que precisei.

Agradeço aos professores do Programa de Mestrado em Educação da UNISO, que contribuíram com o meu amadurecimento intelectual e, em especial, aos professores Luiz Percival Leme Britto e José Dias Sobrinho, com quem aprendi a ousar, a vencer meus limites, ponderar e refletir.

Agradeço aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior, cujas contribuições muito auxiliaram na execução deste trabalho.

Agradeço especialmente a Vicente de Paula Júnior, orientador e amigo; mais do que orientar, estendeu-me a mão em um momento difícil, ensinando-me a ultrapassar as pedras do caminho.

"PARA SARA, RAQUEL, LIA E PARA TODAS AS CRIANÇAS"

Eu queria uma escola que cultivasse a curiosidade de aprender que é em vocês natural.

Eu queria uma escola que educasse seu corpo e seus movimentos: que possibilitasse seu crescimento físico e sadio. Normal

Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a natureza, o ar, a matéria, as plantas, os animais, seu próprio corpo. Deus.

Mas que ensinasse primeiro pela observação, pela descoberta, pela experimentação.

E que dessas coisas lhes ensinasse não só o conhecer, como também a aceitar, a amar e preservar.

Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a nossa história e a nossa terra de uma maneira viva e atraente.

Eu queria uma escola que lhes ensinasse a usarem bem a nossa língua, a pensarem e a se expressarem com clareza.

Eu queria uma escola que lhes ensinassem a pensar, a raciocinar, a procurar soluções.

Eu queria uma escola que desde cedo usasse materiais concretos para que vocês pudessem ir formando corretamente os conceitos matemáticos, os conceitos de números, as operações... pedrinhas... só porcariinhas!... fazendo vocês aprenderem brincando...

Oh! meu Deus!

Deus que livre vocês de uma escola em que tenham que copiar pontos.

Deus que livre vocês de decorar sem entender, nomes, datas, fatos... Deus que livre vocês de aceitarem conhecimentos "prontos", mediocrementemente embalados nos livros didáticos descartáveis.

Deus que livre vocês de ficarem passivos, ouvindo e repetindo, repetindo, repetindo...

Eu também queria uma escola que ensinasse a conviver, a cooperar, a respeitar, a esperar, a saber viver em comunidade, em união.

Que vocês aprendessem a transformar e criar.

Que lhes desse múltiplos meios de vocês expressarem cada sentimento, cada drama, cada emoção.

Ah! E antes que eu me esqueça:

Deus que livre vocês de um professor incompetente.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este estudo desenvolveu um exame sobre a leitura do aluno em ambiente escolar. Considerando-se que a leitura exerce um papel fundamental na formação e desenvolvimento do indivíduo, e que é discurso corrente na sociedade, nos meios escolares e na mídia; que o estudante, de modo geral, não sabe ler, ou ainda, que não interpreta o que lê e, em consequência, não consegue escrever em situações que clamam por letramento, não tendo capacidade de agir e intervir em contextos diversos, foi observada a necessidade de um estudo sobre produções científicas referentes à temática leitura. O objetivo do estudo foi diagnosticar como se encontra a prática leitora do aluno: as formas como lê e o que lê, bem como a relação da leitura com a constituição do conhecimento do indivíduo. Através de investigação empírica e bibliográfica, foi procedida a análise de concepções que fazem parte da prática pedagógica existentes na formação do estudante. A partir daí, foram indicados possíveis caminhos de superação de problemas detectados. Concluiu-se com a pesquisa que o que norteia as práticas escolares hoje é uma concepção, em maior escala, lúdica, justificada muitas vezes pela familiaridade do aluno em relação aos suportes textuais.

Palavras chave - Concepção de leitura. Modos de leitura. Formação do estudante

ABSTRACT

This study seeks to make an inventory of studies that have been produced in the fields of science, within the academic environment, about reading. Moreover, we examine the role of reading regarding the constitution of knowledge in the school environment. Considering the role of reading an essential one for the individuals' development, and also taking into consideration that it has being said in and out the school walls that students, in general, can hardly read or make an interpretation of what is read, and, as a result, he cannot write, that person will not be able to deal with different situations in life that demand clear reading and writing. Therefore, the aim of this study was to produce a diagnosis of the present situation of the reading practice among Brazilian students: the ways they read, what they read, and the connection between what they are reading and personal knowledge building. We aimed to investigate, both empirically and bibliographically, the different concepts of reading. From the results obtained, we indicate some possible ways to improve on the existing problems.

Key words: Reading Concept. Ways of reading. Students' development.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LEITURA, CONHECIMENTO E PESQUISA.....	12
2.1	Relações da leitura com o conhecimento: um necessário debate entre diferentes olhares	12
2.1.1	Alfabetização e letramento no mundo contemporâneo	26
2.2	Diferentes concepções de leitura	29
2.3	Leitura e conhecimento na formação universitária	36
2.4	Importância das pesquisas em leitura	44
3	LEITURA DO ESTUDANTE: ANÁLISE DE CONCEPÇÕES CONSTRUÍDAS NO AMBIENTE EDUCACIONAL.....	48
3.1	A metodologia da pesquisa.....	48
3.2	Critérios da pesquisa e recorte	50
3.3	Exposição e análise dos dados.....	52
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS.....	72
	ANEXO A - FICHAS DE RESUMOS DE TESES DA CAPES	75

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa almejou refletir sobre algumas questões acerca de leitura, mais especificamente, a leitura do estudante universitário.

É discurso corrente na sociedade, nos meios escolares e na mídia, que o estudante, de modo geral, não sabe ler, ou ainda, não interpreta o que lê e, em consequência, não consegue escrever em situações que clamam por indivíduos suficientemente letrados, capazes de agir e intervir em diferentes contextos.

Como professora de Português, como língua materna, senti a necessidade de saber como os alunos interagem com sua língua materna, no tocante as suas dúvidas, angústias, vitórias e insucessos nos momentos de convívio em sociedade e de cumprirem as tarefas exigidas no meio acadêmico e/ou de trabalho.

Com esse questionamento, os passos de minha trajetória profissional sempre foram amparados por vivências, palestras, oficinas e memórias referentes a práticas significativas ao aluno. O olhar esteve constantemente sobre a leitura e o conhecimento significativo. Sendo assim, eis que percebi imperiosa a necessidade de aprofundar-me na matéria e constituir saberes a respeito da leitura do aluno no ensino superior.

Com o objetivo de analisar o que tem sido produzido academicamente (como pesquisa) e identificar concepções intrínsecas ao tema, fez-se necessário realizar um inventário dessas produções, em nível de doutoramento, relativas à leitura, levando-se em conta a relevância da conscientização do saber instituído dentro do meio acadêmico, como forma de desalienação do saber instituído.

Assim, a pesquisa buscou detectar as diferentes concepções de leitura do estudante acadêmico, procedendo a uma metapesquisa, ou seja, uma análise de pesquisas já elaboradas, sobre como o indivíduo lê.

Como hipótese, parti dos seguintes conceitos: a leitura no Ensino Superior norteia-se por diferentes concepções, as quais determinam o tipo de profissional a ser formado; as diferentes formas de ler se referem ao percurso seguido pelo aluno até o ensino médio; a leitura, enquanto elemento formador, constitui o sujeito que vem ao encontro da sociedade atual, capitalista globalizada.

Para a análise do material coletado, as estratégias utilizadas foram subdivididas em pesquisa bibliográfica e empírica, sendo que as teses analisadas foram obtidas por meios eletrônicos e pelo Sistema Comut.

Chamou-me a atenção, ao longo do levantamento de material, a existência de uma série de estudos e pesquisas cujo objeto é a leitura na Educação Básica, havendo muito pouca pesquisa relativa à leitura no Ensino Superior.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O centro das discussões do primeiro capítulo é o **significado da leitura**, bem como a compreensão das diferentes visões concebidas por estudiosos do campo da linguística, educação e psicologia, que analisam a relação da leitura com o conhecimento; o papel da leitura na sociedade e sua evolução na história; a relação entre o papel da leitura, alfabetização e letramento no mundo contemporâneo; as diferentes concepções e tendências de leitura, especificamente no espaço escolar; o papel da leitura na formação universitária; a importância das pesquisas, em leitura no Ensino Superior.

No segundo capítulo, foram resgatadas **as concepções de leitura do estudante universitário**, enfocando-se os critérios da pesquisa em leitura bem como seu recorte, a metodologia de pesquisa, enquanto análise de conteúdo, a exposição dos dados e a análise dos mesmos.

Dentre os autores que fundamentaram as discussões e análises relativas à leitura, estão, principalmente, Kleiman, Soares, Britto, Orlandi, Manguel, Larrosa Bondía e Freire. Em relação às questões referentes ao Ensino Superior trago, entre outros, Dias Sobrinho, Britto e Larrosa Bondía.

2 LEITURA, CONHECIMENTO E PESQUISA.

O presente capítulo tem como objetivo contribuir para a compreensão das diferentes visões de estudiosos do campo da linguística, educação, psicologia, literatura, bem como outras visões relativas à temática leitura, em vista da reflexão que se pretende realizar.

Ainda que não almeje realizar um levantamento exaustivo sobre os diferentes olhares que norteiam a temática leitura, apresentados por estudiosos da área, trago, como de fundamental importância, uma breve exposição e estudo de algumas dessas ideias sobre leitura, bem como a relação desta com a escrita e o conhecimento.

Em seguida, faço uma reflexão distinguindo leitura da escrita e letramento, e sua respectiva relação no mundo contemporâneo, e discuto algumas concepções de leitura, em especial em ambiente escolar, onde, conforme discurso corrente, ocorrem as práticas de leitura de maneira sistemática.

Na sequência, esboço um estudo a respeito do papel da leitura e do conhecimento na formação universitária, analisando sua importância na construção do conhecimento, suas respectivas implicações de ordem subjetiva e intelectual.

Por fim, discuto as pesquisas e produções de conhecimento realizadas em ambiente acadêmico e sua pertinência em relação ao contexto e à realidade social. Nesse sentido, merece destaque a questão da importância das pesquisas em leitura, enquanto objeto pertinente e necessário às formas de aprender do indivíduo.

2.1 Relações da leitura com o conhecimento: um necessário debate entre diferentes olhares

A relação da leitura com o conhecimento é evidenciada por meio de uma breve discussão a respeito dos diferentes olhares sobre a temática. O ponto de partida para tal discussão é a premissa de que a leitura, a escrita e o conhecimento são processos indissociáveis, visto que a leitura, como objeto de pesquisa, não pode ser tomada de forma isolada em meio a uma cultura de letramento, na qual imperam o escrito, o oral e o pictórico.

Ao nos depararmos com a palavra “leitura”, uma imensidão de ideias emergem, dada a imprecisão de sua definição. São muitas as visões que estão intimamente ligadas à existência de um leitor, de um material impresso, bem como de uma interpretação do mesmo. Pode-se relacionar a leitura a várias formas e práticas: leitura do mundo, leitura labial, leitura de

imagens, leitura corporal, leitura fisionômica, leitura da escrita em veículos variados (livros, revistas, jornais, obras de artes, escritos em monumentos, placas, rótulos, computador e outros).

Assim, a leitura tem um caráter funcional e faz parte contínua da vida das pessoas. Os indivíduos alfabetizados leem cotidianamente diferentes suportes textuais como: rótulos de embalagens de produtos de higiene, limpeza, alimentos, remédios, cédulas monetárias, jornais, internet, revistas, letreiros, placas das mais variadas funções, notas de compras, e suplementos relacionados à cultura e lazer (cinema, teatro, museus, textos literários e outros). E todos esses suportes textuais servem de incentivo ao exercício cotidiano e, às vezes, precoce da leitura.

Além desses tipos mais evidentes de leitura, ainda pode-se conceber a leitura que o indivíduo realiza de si mesmo, de seus sentimentos, emoções, reações, atitudes, de sua vida, do que é e o que almeja, enfim, a leitura que visa à compreensão de si mesmo e de seu mundo. Essa leitura visaria, ainda, encontrar maneiras de esse indivíduo viver melhor, assim como de ampliar sua consciência da realidade social que o cerca, podendo perceber acontecimentos que permeiam e determinam a sociedade em que vive.

Assim, rompe-se o monopólio e a exclusividade da escola no ensino da aprendizagem da cultura impressa e oral, desmistificando a crença comum de que seria ela, a escola, a única agência mediadora desse processo, sob cujos domínios a leitura estaria refém.

Dentro dessa perspectiva, inclui-se a função da família, realizando seu papel, de acordo com sua realidade social, auxiliando o indivíduo a tornar-se um leitor habitual. Ou acreditar-se-ia ser possível estimular a leitura e formar leitores competentes exclusivamente por meio da ação escolar? Como poderia a escola sozinha propiciar leituras significativas na vida do aluno, em seu contexto social, para além dos muros escolares?

Atreladas a esses questionamentos, estão as muitas maneiras de ler, levando-se em conta os diversos contextos e os seus objetivos: ler em voz alta, ler silenciosamente, ler no ônibus, ler no trem, na escrivaninha, no sofá, na cadeira de balanço, na cama à luz de um abajur, à sombra de um chapéu de sol sobre a grama de um descampado, à beira-mar, em uma sala de aula submersa em conversas de crianças, sob o som de música, ou envolto no silêncio.

Desde os tempos da caverna o homem utiliza sinais e desenhos impressos para se comunicar. Com o passar do tempo e o avanço no desenvolvimento social da comunicação, constituiu-se a leitura e a escrita, com a codificação e decodificação dos diferentes sinais

gráficos, assim como se desenvolveu a capacidade humana de assimilar e ensinar esse processo.

Uma pesquisa realizada por Oliveira (1996) traça um percurso do papel da leitura nos diferentes períodos da história, ao longo da qual existiram diferentes motivos para a leitura. Por exemplo, a valorização da oratória, nos parlamentos das antigas civilizações greco-romanas, incluía a leitura como um elemento necessário para a formação da cidadania.

Segundo a autora, a leitura é mediadora entre o ser humano e seu passado, constituindo-se evolução e conquista. Exemplifica que, na Idade Média, os valores religiosos, assim como a necessidade de preparar cidadãos para o serviço da Igreja e para a compreensão das escrituras, voltaram a leitura para os motivos religiosos.

Oliveira afirma, ainda, que no século XV, nos diferentes lares, a educação e formação leitora eram diferentes para meninos e meninas, pois os primeiros deveriam ser educados longe da família e na companhia de outros meninos, enquanto em relação às meninas, questionavam-se os benefícios da educação pública ou privada visto que não se julgava apropriado a elas aprenderem a ler e a escrever, exceto se quisessem ser freiras, pois poderiam chegar à idade adulta recebendo e escrevendo missivas amorosas.

Essa “proibição”, ou melhor, essa restrição da leitura em relação às mulheres perpetuou-se na sociedade, como podemos observar na obra do pintor ituano José Ferraz Almeida Júnior (FIG. 1), considerada uma obra de ruptura com determinados padrões da figura feminina, que expõe vontades e desejos femininos que não eram considerados no século XIX. Essa ruptura está clara, por exemplo, em sua obra “Leitura”.



Figura 1 - "Leitura" José Ferraz de Almeida Júnior. óleo sobre tela, 1892

Até 1838, para ler um livro, uma mulher precisava solicitar autorização masculina.

Com o advento da imprensa, a leitura se tornou objeto da política e da democracia, indispensável à vida em sociedade, enquanto anteriormente havia sido uma atividade exclusivamente elitista. O leitor do século XVII trazia uma concepção de leitura diversa da do leitor atual, visto que ainda havia muito da aura religiosa dos livros sagrados da Idade Média.

Os séculos XVII e XVIII foram marcados pelas grandes conquistas e definições políticas com a ampliação dos territórios conhecidos. Esses movimentos se refletiram nas razões pelas quais a leitura passou a ser de maior importância, sendo, então, direcionada para a aquisição de conhecimentos e para a obtenção de informações referentes à utilização dos instrumentos criados para a orientação nas viagens ou mesmo para garantir a defesa do espaço conquistado. Na história do Brasil, por exemplo, temos a figura de Pero Vaz Caminha que, por meio de seus escritos, relatou ao rei de Portugal as maravilhas da terra descoberta, bem como sua localização e a realidade dos habitantes indígenas, conforme ele a observava.

Segundo Oliveira (1996), foi somente a partir do século XIX, que os aspectos de lazer e entretenimento passaram a ser extraídos dos textos impressos. Na França, no século XVII, a leitura em público cumpria uma função social (MANGUEL, 1997). Em Cuba, em meados do século XIX, apenas 15% da população sabia ler, houve, então, a instituição do *lector*, uma pessoa que realizava uma leitura pública de jornais e impressos nos locais de trabalho. Essa forma de leitura obteve muito sucesso, mas, em pouco tempo, ganhou a reputação de subversiva. Em 14 de maio de 1866, o governo político de Cuba baixou um decreto proibindo a distração dos trabalhadores com a leitura de livros e jornais com discussões estranhas ao trabalho em que estavam empenhados, porém, apesar da proibição, ainda ocorreram leituras clandestinas durante algum tempo. Em 1869 ressurgiram em solo americano, pelas mãos dos próprios operários, a leitura e, com ela, a figura do *lector*.

Como podemos observar na figura 2, a ilustração da revista estadunidense, *Practical Magazine*, de 1873, mostra um desses leitores, sentado, de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas e um livro nas mãos. Enquanto ele lê, uma fileira de trabalhadores (todos homens), enrolam charutos, mantendo uma aparente elevada atenção. O material dessas leituras feitas pelo *lector*, pagas com o salário dos trabalhadores, era decidido por eles mesmos e variavam entre histórias e tratados políticos, romances e coleções de poesia clássica e moderna.

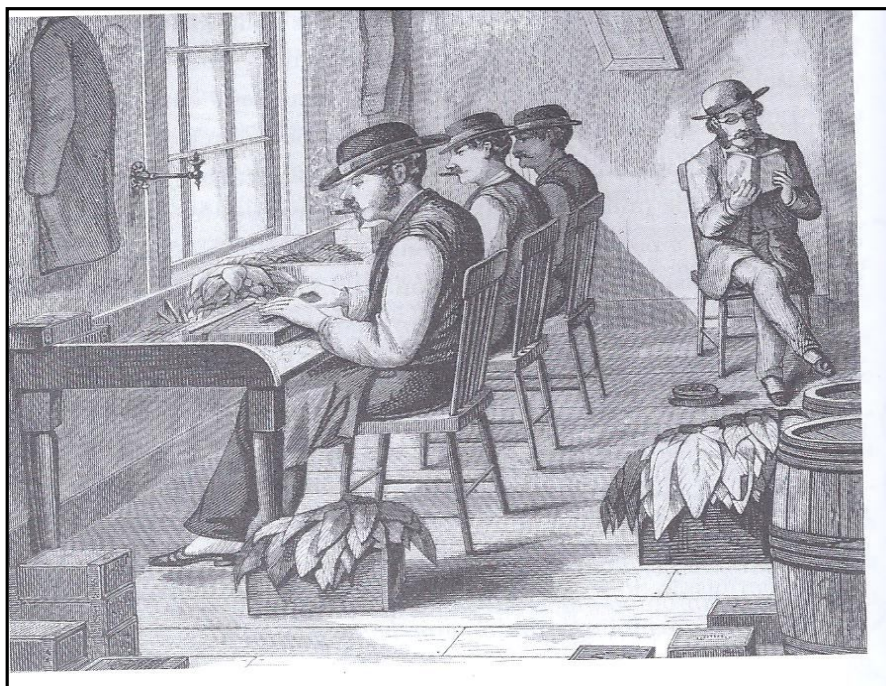


Figura 2 - Mais antigo desenho conhecido de um *lector*, publicado no *Practical Magazine*, Nova York, 1873, (in Manguel, 1997, pg.134.)

O desenvolvimento econômico e social, observado a partir de 1920, estimulou a ampliação do conhecimento pessoal e social. Nesse período, observou-se, tanto no jovem como no adulto, uma busca mais intensa de informação, nas mais diversas fontes, entre as quais se incluíam os livros. Assim, a leitura assumiu a função de propiciar o ajustamento pessoal às novas condições de um meio em constante transformação.

No dicionário Houaiss (2001), temos que a palavra leitura (do latim medieval *lechera*) refere-se a: “1 - ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral, arte de ler; 2 - ato de ler em voz alta; 3 - ação de tomar conhecimento de conteúdo de um texto escrito para se distrair ou se informar”. A enciclopédia Einaudi (BARTHES; COMPAGNON, 1987) assinala que “o termo leitura não remete a um conceito e sim a um conjunto de práticas que regem as formas de utilização que a sociedade, particularmente através da instituição escolar, faz dele”. Leitura é pois, conforme acentuam Barthes e Compagnon (1987), uma palavra de significado impreciso, deslizando, que é preciso ocupar “por meio de sondagens sucessivas e diversas”.

Percebe-se, assim, que esta palavra tem uma amplitude de significações, decorrendo-se daí, talvez, a grande quantidade de pesquisas e referenciais teóricos em amplitude geral pertinentes ao seu entendimento.

De qualquer forma, a leitura desempenha papel e função sociais claros, visto que por meio desta o homem desenvolve seu senso crítico e sua capacidade reflexiva, podendo, então, se posicionar, intervir e agir no meio em que vive, observando suas respectivas características, como: desigualdades sociais, culturais, políticas e econômicas.

Em relação à desigualdade, para Lajolo (1993, p.105), numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas e lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também a distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. Assim, ir ao teatro, ao cinema, a uma excursão, a uma banca de revistas requer do sujeito uma mediação e um suporte com a capacidade leitora, um bem cultural, de prática essencial, ao qual nem todos têm acesso.

Outro momento que marcou a intensificação da leitura foi a produção dos livros impressos, a partir de Gutenberg. A atividade foi massificada quando, por volta do século XVIII, as obras e sua impressão deixaram de ser um trabalho artesanal, exercido por tipógrafos e gerenciado pelo Estado, que por meio de alvarás e decretos facultava ou não o aparecimento dos livros. Os efeitos da invenção de Gutenberg foram enormes e de alcance extraordinário, pois quase imediatamente muitos leitores perceberam suas grandes vantagens: rapidez, uniformidade de textos e preços relativamente baixos. Segundo Lajolo e Zilberman (1996), essa percepção e rápida aceitação da referida invenção fez com que a impressão de livros se tornasse atividade empresarial, executada em moldes capitalistas, dirigida para o lucro e dependente de uma tecnologia que custava cada vez menos e rendia cada vez mais.

Já nos dias atuais, a alienação, o esgarçamento do significado do texto e do ato de ler tornaram a prática da leitura um consumo rápido de os mais variados textos (LAJOLO, 1993, p.105). Por outro lado, para ser lucrativo o negócio, o produto precisa envelhecer depressa, criando a necessidade de textos novos, ou melhor, de conhecimento novo ou novas informações.

Segundo Larossa Bondía (2001), em uma conferência no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, promovido pela Rede Municipal de Educação/FUMEC, cada vez o indivíduo está mais tempo na escola, mas cada vez tem menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que sempre quer aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que

tem que seguir o passo veloz do que passa, que não pode ficar para trás - por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo.

Na escola, o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos, com isso, também em educação se está sempre acelerado e, quase sempre, nada acontece, não ocorrem alterações importantes na constituição significativa do conhecimento do indivíduo. Este, como parte de um saber mais elaborado, fica posto de lado.

Muitas vezes a sociedade, sendo majoritariamente consumista, transforma o ato de ler em mais uma prática de consumo, consumo frenético de revistas de fofoca, de jornais de esporte, e de livros. Nessa sociedade, o indivíduo possuidor de competência leitora e escritora, que lê variados gêneros textuais, é um cidadão letrado, que interage socialmente com esses diferentes suportes textuais, alcançando status na sociedade, distinguindo-se entre os demais, em decorrência de sua ascensão social e do “poder” que lhe é atribuído.

Nessa perspectiva, a leitura é compreendida pelo seu caráter social e pelos modos como ela estabelece, nas sociedades, as relações de poder que distribuem seletivamente os bens da cultura escrita. O que, em outras palavras, implica que as classes dominadas só tenham acesso às habilidades mecânicas da leitura, sendo-lhes permitido, apenas, que aprendam a ler, não que se tornem leitores.

Segundo Manguel (1997), na iconografia cristã da Idade Média e começo da Renascença, há imagens da figura materna, assim como da estudante feminina, em pinturas de sala de aula. Além disso, existem várias representações de Maria segurando um livro junto do Menino Jesus e de Sant’Ana ensinando Maria, mas nem Jesus nem sua mãe aparecem aprendendo a escrever ou escrevendo. Percebe-se com isto a relevância e o status atribuído, à leitura, desde tempos antigos, como pode ser observado na figura 3.

Este poder decorre do fato, segundo Jean Foucambert (1994), de haver uma separação entre leitores e não leitores, o que espelha a divisão social entre poderosos e excluídos, entre as classes que dominam e as que obedecem. Os excluídos correspondem à maior fatia da sociedade capitalista, aquela que é dominada devido a sua impossibilidade e incapacidade de exercer criticidade e autonomia, pois não tem acesso à cultura hegemônica, ao saber acumulado. Sendo assim, seu conhecimento é constituído de forma fragmentada, não lhe permitindo posicionar-se em prol da sua condição social.



Figura 2 - Sant'ana e a Virgem lendo. (não foram encontradas as referências sobre a obra)¹



Figura 3 - Madona com o Menino Lendo. Piero Di Cosimo. (1485-1490)²

¹ Figura 2 – Imagem disponível em:

<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://3.bp.blogspot.com/_DiYpo4enBE/TC-8P6e6CII/AAAAAAAAADKM/TLFmk-OS2uo/s1600/santana.jpg&imgrefurl=http://agrandefraternidadebrancauniversal.blogspot.com/2010/07/irmas-de-maria-santa-ana-ou-santana.html&usq=FE3ZBpPX8hJaU-NxsDJSli4ICls=&h=450&w=399&sz=59&hl=pt-br&start=0&sig2=brlTO_EisteHcDH8-dnEbw&zoom=1&tbnid=0mUb7mcOWG736M:&tbnh=158&tbnw=95&ei=Tu7eTN73DsH68AajsKT5Dg&prev=/images%3Fq%3Dsantana%2Ba%2Bvirgem%2Blendo%26um%3D1%26hl%3Dptbr%26sa%3DN%26biw%3D1003%26bih%3D590%26tbs%3Disch:1&um=1&itbs=1&iact=rc&oei=Tu7eTN73DsH68AajsKT5Dg&esq=1&page=1&ndsp=16&ved=1t:429,r:6,s:0&tx=33&ty=65>. Acesso em: 18 nov. 2010.

² Figura 3 – Imagem disponível em: <<http://peregrinacultural.wordpress.com/2009/08/05/imagem-de-leitura-piero-di-cosimo/>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

Para as classes dominadas, a leitura é um instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida, enquanto que para as classes dominantes, ela é fruição, lazer, ampliação de conhecimentos, além de se constituir em meio de viabilizar o conhecimento acumulado, que é direcionado a elas próprias, classes privilegiadas.

É notório, nos meios escolares, que as explicações para a não leitura são muitas e, de certa forma, espontâneas. Não se pode, contudo, considerar como “espontâneo”, segundo Kleiman (2002), aspectos macroestruturais que também influem no fracasso da escola quanto à formação de leitores. O pequeno espaço que a leitura tem na rotina do brasileiro, a pobreza no seu ambiente de letramento, e a formação precária dos profissionais da leitura e escrita, que não são leitores e não gostam de ler, não podem, formar leitores.

Esse profissional não qualificado, segundo Kleiman (1999), não consegue desenvolver a leitura crítica no aluno porque se formou dentro da visão segundo a qual a leitura e a escrita são atribuições de disciplinas e não atividades de linguagem fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo em sociedades tecnológicas. Para ele, a leitura e a escrita são atribuições exclusivas dos professores de língua portuguesa, que, por sua vez, não conseguem sozinhos dar conta da empreitada.

Para Foucambert (1994) há uma ideologia da divisão da humanidade, em que haveria os dotados e os não dotados, defendendo a posição reconfortante de que Deus fez as coisas bem feitas fazendo os inaptos nascerem entre os pobres.

Para que se possam minimizar tamanhas desigualdades em relação ao saber hegemônico, há a necessidade de que a leitura e, em consequência, o conhecimento, sejam trabalhados desde a infância, de forma consciente e eficaz, para que, no Ensino Superior, o indivíduo esteja apto a desempenhar e exercer seu papel de cidadão. No entanto, Kleiman salienta:

O aluno sofre diretamente a contradição da escola, que, em seu discurso, afirma educar para a cidadania, mas que, na prática, conduz à passividade e ao conformismo ao enfatizar a ordem (“a disciplina”) e o não questionamento (os alunos que protestam são rotulados de rebeldes e punidos por sua suposta rebeldia). (1999, p.35).

E complementa:

É obrigado a competir com seus pares por uma nota (cultivando o individualismo, que o aliena do seu ser genérico) para sobrevivência num sistema baseado na

competição, colocando-o nas mãos do professor, a quem, muitas vezes, tem que “agradar à custa de si mesmo”.

Baseando-se na pertinência e emergência da leitura enquanto instrumento auxiliador e emancipador do indivíduo em meio a sua realidade social, há muitos estudos que investem nessa temática devido ao seu poder político e social. Social na medida em que auxilia o indivíduo a viver em sociedade, interagir com os outros, tomar um ônibus, fazer compras, ir ao cinema, ao teatro, ao médico enfim, ser um ser social que consegue relacionar-se e cuidar de si mesmo de forma independente. Político na medida em que dá ao ser humano a independência e autonomia tão almejadas por todos nós. Autonomia para ser crítico perante as realidades sociais, capaz de posicionar-se e intervir em seu meio de forma a tentar minimizar desigualdades oriundas do regime capitalista, assim como a capacidade para enxergar a corrupção e a exploração do povo.

Estudos de Alberto Manguel (1997) salientam que, mesmo em sociedades que deixaram registros de sua passagem, a leitura precede à escrita e o futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema social de signos antes de colocá-lo no papel. Em muitas sociedades letradas, como os Islamitas, os Maias, as sociedades Judaica e Cristã, a leitura está no contrato social, ou seja, aprender a ler representa uma exigência, tem algo de iniciação, de passagem ritualizada, afastando o indivíduo de um estado de dependência e comunicação precária.

O indivíduo que lê se insere no meio de livros e materiais impressos e renova as ideias do passado em maior ou menor escala a cada nova leitura e, em decorrência, define seu status. Esta posição e condição de leitor são e sempre foram desde os tempos de Aristóteles, Virgílio, Maria Madalena entre outros, uma atividade que conduz a uma ascensão social e autoridade, por isso, melindra a sociedade capitalista, a classe hegemônica, tornando-se um risco às ordens estabelecidas e sedimentadas na hierarquia social.

Para Manguel,

[...] não são apenas os governos totalitários que temem a leitura. Os leitores que temem a leitura. Os leitores são maltratados em pátios de escolas e em vestiários tanto quanto nas repartições do governo e nas prisões. Em quase toda parte, a comunidade dos leitores tem uma reputação ambígua que advém de sua autoridade adquirida e de seu poder percebido. Algo na relação entre um leitor e um livro é reconhecido como sábio e frutífero, mas é também visto como desdenhosamente exclusivo e excludente, talvez porque a imagem de um indivíduo enroscado num canto, aparentemente esquecido dos grunhidos do mundo, sugerisse privacidade impenetrável. (1997, p.35).

Assim, a leitura é e deve ser considerada como algo individual, visto que, ao realizar-se, o ato de ler não está só e muito menos em um único lugar, sendo um ato cumulativo em que uma nova leitura baseia-se em o que foi previamente lido e nas relações do leitor com a cultura, como o teatro, o cinema, jornais, músicas e outros.

Essa concepção é reafirmada nas ideias de Ferreira (2001), nas quais, para cada leitor, cada tipo de leitura, cada circunstância, é singular. Essa singularidade pode vir da diferença entre as classes sociais, entre as gerações, entre os processos de aprendizagem, entre os níveis de escolaridade, entre as competências, entre maior ou menor familiaridade com o suporte material do texto, além de várias outras possibilidades.

Assim, é correto afirmar que as diferentes classes sociais leem de maneiras diferentes, pois seus contextos sociais são diversos, bem como os são suas práticas leitoras, seus diferentes suportes textuais, seus distintos estímulos. Da mesma forma, são diferentes as leituras das várias gerações, que podem ler por prazer, por obrigação ou por necessidade. Além disso, essa singularidade está associada aos diferentes níveis de escolaridade, suas respectivas finalidades. Pode-se, assim, ler alfabetizando-se, ler para conhecer a literatura, ler livros de medicina ou códigos de justiça, entre outros.

Para Orlandi (2000), ler se constitui de um trabalho intelectual (contrariando fortes tendências do momento, para as quais ler é sinônimo de atividade constituída de prazer, lazer, espontaneísmo), em que o aluno no interior da escola tem sua própria história de leituras, assim como a história das leituras dos textos e a história da sua relação com a escola e com o conhecimento legítimo.

Muitas vezes, o que a escola faz é minimizar, quando não anular, o conhecimento prévio do aluno, não aceitando a sua condição de sujeito leitor de outras formas de linguagem. Já em sentido restrito, em termos de escolaridade, vincula-se a leitura à alfabetização (aprender a ler e escrever), e leitura adquire o caráter da escrita enquanto aprendizagem formal. A leitura nesta vertente fornece matéria prima para a escrita dando elementos que favorecem a decisão sobre o que escrever, a leitura contribui, pois, para a constituição dos modelos de como se escreve.

Para Orlandi, a leitura não deve ser vista de forma reducionista, ou seja, do ponto de vista da linguística, a leitura é vista como decodificação, e o aluno deve apreender esse sentido, informação já dada no texto. Contrária a essa visão, a autora acredita que o texto não deve ser encarado como um produto, mas procura observar o processo de sua produção e, logo, da sua significação. Dessa maneira, e sobre um viés da análise do discurso, a leitura é o

momento crítico da constituição do texto na medida em que é nele que se desencadeia o processo de significação, que é por sua vez, decorrente da história de vida do leitor, do momento histórico que vive, de suas leituras anteriores.

Carvalho e Silva (1996) afirmam que ler para aprender envolve várias operações cognitivas. Entre estas, distinguir o que é conceito, argumento, pressuposto, fato, opinião; comparar; estabelecer relações e conclusões; assim como receber e atribuir sentidos ao texto lançando mão de conhecimentos extralinguísticos do mundo. Desta maneira, ler se refere ao desenvolvimento da prática constante de leitura, de maneira ativa e indagativa, colocando em prática várias ações e habilidades.

Sendo assim, a leitura é considerada uma atividade diretamente atrelada ao desenvolvimento cognitivo, fazendo parte do processo de constituição do conhecimento, visto que envolve vários atributos que favorecem a elaboração e execução do mesmo, levando-se em conta que exige grande rigor em sua execução.

Nesse sentido, se estabelece a relação da leitura com o conhecimento, entendendo-se que conhecimento, segundo os conceitos de Platão:

[...] significa tornar semelhante o pensante ao pensado. Consequentemente, os graus de conhecimento se modelam sobre os graus do ser: não se pode conhecer com certeza, isto é, com solidez o que não é sólido (firme) porque o conhecimento não faz senão reproduzir o objeto, de modo que o que é absolutamente, é absolutamente cognoscível enquanto o que não é de nenhum modo, de nenhum modo é cognoscível. Para Platão, conhecer é estabelecer em cada caso com o objeto uma relação de identidade ou se aproxime o mais possível da identidade. (ABBAGNANO, 1982, p.161)

Em relação à constituição do conhecimento, a leitura tem sido chamada de atividade cognitiva por excelência, pelo fato de envolver todos os processos mentais. Assim, segundo Kleiman (1999), a compreensão de um texto (seja ele escrito ou falado) exige o envolvimento da atenção, da percepção, da memória e do pensamento. Esses processos mentais realizam, durante a leitura, operações necessárias para a compreensão da linguagem, tais como o raciocínio dedutivo (próprio da inferência, da leitura nas entrelinhas) e o raciocínio indutivo (necessário para a predição baseada no conhecimento de mundo, de outros textos, do autor, das condições sociais em que vive).

Para a autora, considerando a importância do engajamento cognitivo para a compreensão do texto escrito, e a importância da leitura para a aprendizagem, pode-se afirmar que, enquanto atividade cognitiva, a leitura deve vir a se constituir objeto de ensino de todos os professores. O desenvolvimento de estratégias de leitura adequada depende da mediação do

professor: o tipo de perguntas que ele faz determinará se o aluno lê para memorizar trechos ou para inferir e entender as entrelinhas; se ele lê porque o professor pediu ou porque tem um objetivo que justifique seu envolvimento, se apenas passa os olhos pela página ou se autoavalia constantemente para não perder o fio, se começa a ler como se sua mente fosse uma tábula rasa ou um complexo organismo que precisa ser nutrido.

O ensino da leitura, segundo Kleiman, reflete muitas vezes uma pedagogia da contradição, na qual se fragmenta o texto para que se aprenda a perceber o todo, procura-se fazer com que o aluno responda somente ao que está previsto na leitura do professor ou do autor do livro didático e exige-se um leitor crítico e participativo. O aluno escreve textos de opinião sem ter antes formado uma opinião; faz uma “interpretação livre”, já cerceado, sem liberdade e, muitas vezes, sem leitura. Ele “lê” sem entendimento, interpreta sem ter lido e realiza atividades sem nenhuma função na sua realidade sociocultural.

Há, ainda, a relação entre leitura, escrita e conhecimento enquanto processos indissociáveis. Britto (2003), em sua obra “Contra o consenso-cultura escrita, educação e participação”, elucida o papel do leitor como produtor de sentimentos no texto e os diferentes tipos e modos de leitura, evidenciando o papel do leitor frente à leitura e a conexão desta com a produção do conhecimento, em que os elementos (conhecimento/ leitura/ escrita) não existem de maneira desconexa. A leitura é tida como uma ação cultural, não sendo uma simples acumulação de informações que se articulam ao conjunto de valores e saberes sociais. Ensinar a escrita, especialmente em uma perspectiva formativa, deve ser feito desde cedo, ensinar a escrita é mais do que ensinar a escrever como se fosse algo neutro, é ensinar um valor e um modo de poder ser e pensar a si e ao mundo. É permitir que as pessoas tenham a possibilidade de conviver com objetos cuja inteligência seja feita com referenciais que transcendam tanto a experiência imediata quanto aos modos de ser e pensar da vida cotidiana e do senso comum.

Nesse sentido, aprender a ler e a escrever e fazer coisas com isso é uma imposição social, na medida em que se tem acesso aos produtos intelectuais que circulam por meio dos diferentes textos em uma sociedade que se impõe pela leitura e escrita. Ler passa a ser, nessa esfera, algo além de enunciar um texto em voz alta ou em silêncio, decifrando o escrito que representa o fluxo verbal do conhecimento de técnicas de codificar e decodificar mensagens para uma tarefa de operar com signos e significados em um momento repleto de valores e sentidos historicamente produzidos e sentidos socialmente marcados; espera-se, assim, que o indivíduo leia e seja capaz de pensar o mundo.

Numa perspectiva distinta, mas que pode ser tomada como pressuposto complementar às ideias de Carvalho e Silva (1996) e Britto (2003, 2007), está a posição de Goulart (1996), que se refere à leitura como produtora de sentidos diversos em relação ao leitor, que é, então, considerado como alguém fora do texto e que opera sobre este, alguém que sente e tem a própria vida, a própria cultura. Tem-se, nessa concepção, uma perspectiva de leitura mais atrelada ao aspecto cultural como se o leitor mantivesse com a leitura esse relacionamento – cultural, com uma atitude de distanciamento, sem pensar na elaboração de novos conhecimentos, apenas interagindo com o que tem. Devido a essa relação de distanciamento entre o leitor e o texto, vemos nesta vertente, a cultura do indivíduo, a sua prática leitora e o conhecimento serem tomados como polos distintos e sem relação.

Já para Bourdieu e Chartie (2009) a leitura nem sempre foi um ato privado, particular, íntimo e secreto, totalmente relacionado à individualidade, visto que a tendência é sempre considerar a posição universalizante do leitor, sendo isto uma premissa histórica. O autor pondera, ainda, a existência de uma leitura estrutural, interna, que considera o texto pelo que é nele mesmo, autossuficiente, abstraindo tudo que há ao redor. Nesse sentido, desconsidera-se o social, a interação e a produção dinâmica de conhecimento.

Paulo Freire (2005) apresenta uma visão mais ampla para o que vem a ser leitura. Segundo ele, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e pelas palavras reescrevemos o mundo. Ele define o ato de ler como prática social que pode acontecer em diferentes espaços e que possui características específicas, relacionadas às finalidades e aos tipos e conteúdos de um texto. Assim, o processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção de relações entre o texto e o contexto.

Larrosa Bondía (1999) salienta que atividades como: considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar em palavras não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando se faz coisas com as palavras, do que se trata é de como se dá sentido ao que somos e ao que acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. Por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle da palavra, pela

imposição de certas palavras e pelo silenciamento e desativação de outras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras.

Observa-se, frente ao exposto, que essa conceituação, caracterizada pelo papel da leitura, da palavra escrita ou falada, pode determinar uma percepção mais ampla do próprio conceito de leitura, na medida em que a leitura se refere a um ato de estreita relação com a elaboração do conhecimento e com o aspecto social, cultural e aspectos individuais, visto que o indivíduo está constantemente envolvido em atos cognitivos, ou seja, está constantemente olhando, ouvindo, escrevendo constituindo seu conhecimento e, em consequência, constituindo-se enquanto indivíduo pertencente a uma sociedade, em um momento histórico, pautando-se na análise do discurso, capaz de se posicionar e constituir sentidos para o seu mundo.

No próximo item, está organizada uma explanação de o que vem a ser leitura, escrita e letramento, no mundo contemporâneo, bem como suas devidas distinções, levando-se em conta que não se tem como falar sobre leitura de forma estanque, limitando-a à escrita e ao letramento.

2.1.1 Alfabetização e letramento no mundo contemporâneo

Desde o Brasil era colônia, a palavra analfabetismo nos é familiar. A sociedade tem convivido com o fato de existirem pessoas que não sabem ler e escrever, indivíduos analfabetos.

Gradativamente, esse fenômeno – o analfabetismo, de certa forma generalizado – vem sendo superado nos últimos anos e as pessoas vão aprendendo a ler e a escrever. Contudo, de acordo com estudiosos, neste momento surge um novo paradigma: não basta aprender a ler e escrever, é necessário que o indivíduo adquira a condição de letrado. Com a intensificação da acumulação capitalista e as transformações no mundo do trabalho e das comunicações, os indivíduos têm de dar conta de exigências formais diversas, no trabalho e na vida cotidiana. Somente assim, têm condições de se tornarem cidadãos críticos e políticos.

Segundo dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) 2009³, um em cada cinco brasileiros de 15 anos ou mais (20,3% do total) é analfabeto funcional, ou seja, tem menos de quatro anos de estudo, sabendo apenas ler e escrever seu próprio nome, além de frases simples, e efetuar cálculos básicos. Porém, esse indivíduo, que não consegue extrair o

³ Disponível em: <<http://noticias.r7.com/vestibular-e-concursos/noticias/um-em-cada-cinco-brasileiros-com-mais-de-15-anos-sao-analfabetos-funcionais-20110907.html>>. Acesso em 18 nov. 2010.

sentido das palavras e apresentar suas ideias por meio da escrita ou mesmo de fazer uso da leitura e da escrita em atividades cotidianas, enfrenta dificuldades singulares em seu desenvolvimento pessoal e profissional, quando não é radicalmente impossibilitado de ter acesso a qualquer forma de desenvolvimento.

Ainda em relação a pesquisas sobre alfabetização, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) entrevistou 153.837⁴ pessoas em todo o país, até setembro de 2009, e de acordo com as estatísticas, temos que o analfabetismo atinge 14.1 milhões de brasileiros (9,7% da população), sendo este número 1.8 ponto percentual menor do que em 2004.

Segundo dados da UNESCO⁵, o Brasil teve uma taxa média de analfabetismo maior do que a da América do Sul, entre 2005 a 2008.

Como reverter esse quadro? Que fazer para que os alunos não sejam alfabetizados por um modelo de ensino centrado nas convenções de transcrição da forma sonora da fala para a escrita? Como, na ação educativa, empregar os verbos ‘integrar’ e ‘articular’ nos dois processos que compõem a aprendizagem da língua, de forma simultânea e interdependente? Como fazer com que a criança se alfabetize, que elabore seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita em situações de letramento, num contexto de interação com o material escrito real.

Sobre este assunto, Kleiman (1995) assume letramento como um conjunto de práticas sociais em que se usa a escrita enquanto sistema simbólico e, enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Letramento, para Kleiman, não é alfabetização, mas a inclui. Ambos estão associados para alcançar determinado objetivo numa determinada situação, associada aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias. A pessoa, para ser letrada, deve conhecer a função de um objeto cultural; deve, por exemplo, conhecer a função de uma carta, de rótulos e embalagens, das placas, dos nomes e números dos ônibus, estando inserida no seu contexto social.

Já o conceito de alfabetização, refere-se:

[...] ao processo de aquisição das primeiras letras, e como tal, envolve sequências de operações cognitivas, estratégicas, modos de fazer. Quando dizemos que uma criança está sendo alfabetizada, estamos nos referindo ao processo que envolve o engajamento físico-motor, mental e emocional da criança num conjunto de atividades de todo tipo, que têm por objetivo a aprendizagem do sistema da língua escrita. (KLEIMAN, 2005, p. 13 e 14)

⁴ Disponível em: < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/09/100908_pnad_analfabetismo.shtml>. Acesso em 18 nov. 2010.

⁵ Idem.

Ainda segundo a autora, a prática de alfabetização, que tem por objetivo o domínio do sistema alfabético e ortográfico, precisa do ensino sistemático, o que a torna diferente de outras práticas de letramento, nas quais é possível aprender olhando os demais fazerem.

Como se pode ver, alfabetização e letramento não significam o mesmo fenômeno. O primeiro refere-se a um processo mais restrito, que supõe a capacidade mecânica de escrever ou ler, o domínio da escrita como tecnologia. Já o segundo, refere-se a um processo relacionado diretamente com os usos que as pessoas fazem da leitura e da escrita, com as práticas sociais de leitura e de escrita de que se apropriam.

De que maneira se pode atingir êxito educativo quando, muitas vezes, sequer o professor é suficientemente letrado em sua área de conhecimento e tem dificuldade de aceitar mudanças pedagógicas e de refletir sobre sua prática para atingir objetivos condizentes com uma realidade diferente daquela que havia na época colonial, quando se alfabetizava as pessoas para que soubessem apenas ler e escrever minimamente?

A respeito disso Foucambert salienta:

Pretender que objetivos decididamente novos poderão ser alcançados com a volta de métodos que jamais deixaram de ser utilizados e que jamais deixaram de atingir os antigos objetivos almejados, significa mergulhar a escola na impotência para abordar o futuro, ampliar a distância entre o sistema educacional e uma demanda social que não pode mais esperar, pôr a perigo a própria instituição, não entender nada da mutação social. (1994, p. 54)

Nesse contexto, a questão do método vai além de teorias e documentos oficiais, para vir de encontro com o profissional que melhor conhece a pessoa a ser ensinada: o professor. Este, sim, deve ter amplo conhecimento a respeito dos métodos de ensino, do desenvolvimento do indivíduo, assim como da realidade em que atua, para que possa refletir sobre sua prática pedagógica. Segundo Britto (2007), a leitura, a escrita e o conhecimento são indissociáveis, de modo que é necessário um trabalho engajado com o desenvolvimento holístico do indivíduo.

A leitura permite aquisição de conhecimento e a percepção singular do mundo, ocupando espaço primordial na história escolar do indivíduo e, conseqüentemente, em sua vida. Dessa forma, está evidente a amplitude de papéis que a leitura desempenha na constituição intelectual dos sujeitos, sendo discurso corrente em meios escolares os prejuízos inerentes aos indivíduos iletrados, analfabetos ou desprovidos da competência ou habilidade leitora.

Há que se buscar ações que minimizem os problemas causados por “deturpações de conceitos”, visto que o problema da leitura (e da escrita e da aquisição de conhecimento) vai para além do universo infantil. Para muitos estudiosos, é preciso desmistificar a crença de que o problema se limita às séries iniciais. Vicentili (2002) relata estudos realizados com alunos de universidades públicas e privadas da Venezuela, cujos resultados demonstram que os estudantes apresentam déficit no domínio e habilidades que dificultam sobremaneira seu desempenho como leitores autônomos.

O ato de ler pressupõe muito mais que a habilidade de decodificar signos linguísticos. Implica conhecer, interpretar e decifrar textos, de forma que o leitor interaja com o texto e produza significados. Para isto, o leitor ativa uma série de ações em sua mente (as denominadas estratégias de leitura) e, por meio dessas ações, “constrói” seu referencial de mundo. Sendo assim, há que se pautar a prática pedagógica, principalmente no que se refere à relação entre leitura e conhecimento, em conteúdos densos, significativos, reais e integrados ao universo do aluno.

A seguir, analiso diferentes concepções e tendências da leitura, ou melhor, como esta é constituída, principalmente em ambiente escolar, levando-se em conta que há muito ela está presa aos domínios escolares.

2.2 Diferentes concepções de leitura

Nesta seção será analisada como é concebida a leitura, a constituição do conhecimento nos diferentes espaços, primordialmente o escolar.

Considerando-se que a aprendizagem da leitura não se inicia na escola e sim muito antes, nos primeiros anos de vida do indivíduo, quando já interage com o meio e este vai lhe oportunizando condições de aprendizagem, com o material escrito, faz-se necessário que tanto este meio (família) quanto a escola exerçam posturas favoráveis e positivas a esta prática.

Nessa perspectiva, a leitura está inserida em situações familiares, escolares e institucionais que representam diferentes usos e significados para as atividades do mundo da leitura e da escrita. Esses usos e significados, como já ditos anteriormente, são reflexos das condições e situação social do indivíduo na sociedade. Assim, o que é ler e para que ler está estritamente relacionado à situação e realidade sociais em que cada indivíduo está inserido, bem como a classe social de sua escola.

Nota-se que cada indivíduo tem “direito” ao conhecimento e está “inserido” nele, de acordo com sua condição social. A prática leitora está incorporada às atividades do mundo moderno e está presente nas ações mais simples do cotidiano, tornando-se uma necessidade real imposta pelas contingências da modernidade para a participação social.

Segundo Kleiman:

Ser alfabetizado significa, para os órgãos governamentais, poder assinar o nome e reconhecer as letras do alfabeto. Embora as campanhas nacionais de alfabetização utilizem essa concepção, esse grau de conhecimento do sistema escrito sendo insuficiente para adquirir e manter um emprego na fábrica, para lidar com as instituições das sociedades urbanas. Daí a diferenciação que vem sendo feita na última década, entre alfabetização e letramento. A diferença entre ser alfabetizado e ser letrado implica diferenças no grau de familiaridade com diversos usos da escrita do cotidiano: escrever bilhetes e cartas, compreender uma notícia do jornal, entender uma explicação médica, preencher formulários oficiais, defender seus direitos de consumidor, contribuir para um debate. O indivíduo plenamente letrado também é capaz de desfrutar de um romance, de um poema, mas não é na sua relação com a obra literária que define sua condição de letrado ou não letrado. Ser letrado se estende também ao conhecimento de práticas orais; por exemplo, aquelas que envolvem mais planejamento e cuidado do que a conversação espontânea na família ou entre amigos, como proferir uma palestra ou participar num debate no sindicato. (1999. pg.89)

Apesar da prática leitora não se iniciar na escola, é função da escola, segundo Kleiman, formar sujeitos letrados (no sentido pleno da palavra), não apenas sujeitos alfabetizados. A escola está cada vez mais encurralada no contexto opressivo da violência, do desemprego, dos desmandos da administração pública: seu campo de manobra tem sido bastante diminuído por tais pressões. A leitura é uma das maneiras que a escola tem de contribuir para a diminuição da injustiça social, desde que ela forneça, a todos, as oportunidades para acesso ao saber acumulado na sociedade.

A principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento que nos enreda a todos. Somente quando se elabora relações significativas entre objetos, fatos e conceitos, pode-se dizer que se aprendeu, e a leitura é a prática social que favorece este processo.

Tomando-se a leitura como um trabalho de base intelectual em que o professor, acredita-se, deva ser o principal agente do processo, observa-se que muitas vezes esta atividade de leitura é pedagogizada de tal forma que muitos profissionais, além de não dominarem conhecimentos pertinentes à prática, também não são praticantes ou mesmo amantes da leitura, pautando, não raro, sua prática em condutas ingênuas e vazias.

Segundo Larrosa Bondía (1999), o professor tem um papel decisivo na mediação entre o aluno e a leitura, é aquele que dá o texto a ler, aquele que dá o texto como algo importante, nesse gesto de abrir o livro e de mediar a leitura - é o que remete o texto.

Da mesma forma que aquele que remete um presente ou uma carta, o professor sempre está um pouco preocupado para saber se seu presente será aceito, se sua carta será bem recebida e merecerá alguma resposta. Uma vez que só se presenteia o que se ama, o professor gostaria que seu amor fosse também amado por aqueles aos quais ele o remete. E uma vez que uma carta é como uma parte de nós mesmos que remetemos aos que amamos, esperando respostas, o professor gostaria que essa parte de si mesmo, que dá a ler, também despertasse o amor dos que a receberão e suscitasse suas respostas. (pag.140)

Contudo, para que ocorra esta relação, há que se identificar com a leitura, ser adepto a ela e fazer da mesma um hábito (e ao falar em hábito não se está sugerindo que a tornemos uma rotina, mecanização e automação semelhante a rituais de higiene, alimentação), para que a mesma adquira sentido para si e, em consequência, para os alunos, pois não há como incentivar, “fazer” e sensibilizar leitores se a prática da mesma não tocar a alma do próprio educador.

Muitas vezes o que se nota nas escolas é uma prática ingênua e avassaladora de procurar empurrar o novo ao professor, teorias ditas inovadoras, desprezando-se muitas vezes sua bagagem e conhecimento. Isso, muitas vezes se justifica pela ansiedade em acertar em relação ao aluno, em interesses e políticas governamentais que condigam com as acerbadas mudanças e necessidades sociais, assim como na ingênua premissa de estar “na moda” em relação às inovações pedagógicas.

Britto (2007) observa que há várias tendências em relação à prática leitora. Pode-se destacar, por exemplo, a leitura como um ato de **posicionamento político** dentro do mundo; quanto mais consciência o sujeito tiver desse processo, mais independente será sua leitura, visto que não a tomará como objeto pronto, constituído de verdades absolutas, mas, sendo uma prática política e de ação cultural, o fará posicionar-se. Não há a possibilidade de pensar o conhecimento e os usos da escrita como algo que implique apenas o saber-fazer, o domínio de uma tecnologia, a disposição de uma habilidade operacional.

Esse posicionamento é constituído não da verdade acabada no texto lido pelo leitor, mas dos seus saberes constituídos a partir de diferentes leituras e interações culturais tais como jornais, revistas, livros, panfletos, placas, teatro, cinema, televisão, internet e relações com o outro. Pode-se concebê-la como **tendência crítica**. Dentro desta vertente, a leitura liberta, emancipa o indivíduo possibilitando-o lutar contra sua posição desigual na sociedade.

Nessa perspectiva, o conhecimento não é concebido como algo absoluto, estático, imediatamente aplicável e, conseqüentemente, não corrobora com a aprendizagem pragmática e limitada de resultados. Essa postura investigativa, que também se pode chamar de postura epistemológica crítica, destitui o sujeito de reducionismo e o compromete com a compreensão do conhecimento, tomado não como verdade absoluta, mas como verdade possível e passível de novas indagações e formulações.

Faz-se mister ressaltar aqui o caráter individual, político e social da leitura vista em muitos momentos como uma simples competência estanque de qualquer processo de constituição do conhecimento, reconhecendo-se sobre isto uma **tendência tecnicista** do ler e escrever como uma operação mental vazia, revestida por um caráter pragmático na sociedade capitalista.

Em contrapartida, está a **tendência política**, já citada, entendendo-se política como o lugar de conflito social e interesses de classe, em que o saber hegemônico, as condições sociais e econômicas favoráveis à constituição do conhecimento sistemático divergem da classe desprivilegiada, revelando diferentes níveis de acesso ao mesmo saber elaborado.

Na percepção de Orlandi (2000), a educação é uma educação de classe quando é discurso corrente que é preciso se apossar da totalidade de conhecimento da classe dominante para que ocorra transformação na sociedade, ou seja, para que o indivíduo possa se tornar crítico e tenha condições mais igualitárias de acesso ao conhecimento. Na realidade, o que se deve considerar não é o acesso ao conhecimento, mas o modo como se apropriam desse, que é o que vai realmente determinar as relações sociais. O que se observa é que existem saberes diferentes, para classes sociais diferentes e para funções sociais distintas.

Sob o viés da utilidade, conforme Britto (2007), está a tendência da leitura enquanto sua **funcionalidade/utilidade/instrumental**, de utilidade para o indivíduo no meio social, para sua vida prática. Assim, toda proposta leitora norteia-se pelo viés de sua utilidade, sua função no dia a dia do indivíduo, o saber-fazer, as habilidades e funcionalidades. Nada do que não for útil, condizente à realidade do indivíduo, será necessário ao mesmo.

Nessa tendência, os usos funcionais, a educação voltada para as demandas do mercado é o que predomina, visto que ela se ajusta às configurações flexíveis da economia, à indústria cultural e à lógica da competitividade, que se fundamenta na aprendizagem rápida e fácil de conhecimentos transmitidos, na maioria das vezes, resumidamente, e aceitos pelo público de estudantes sem que se investiguem os embates teóricos e científicos.

Para Britto (2007), desde a perspectiva política, o conhecimento de leitura e de escrita não se dissocia dos outros conhecimentos objetivos, em suas diversas formas de produção, manifestação, circulação e apropriação. O que se vê dentro da prática leitora são concepções equivocadas da mesma. O ler para consumir, para acompanhar a mudança exacerbada em nossa sociedade capitalista, a dinâmica da globalização, precede a leitura do mundo de cada indivíduo, suas vivências, sua maneira de ver e “transver” a própria realidade. Contudo, não se vê a leitura individual e sensibilização quanto à mesma, mas um emaranhado de propostas mecanicistas em que professores às vezes até tentam inovar, mas não têm formação teórica na área de leitura e, poucos se empenham para tê-la.

Essas propostas são postas em campo quando a leitura é tomada como prática exclusivamente escolar sendo esta pautada por uma prática árida e difícil, visto que não faz sentido para o aluno.

Assim, se expressa Lajolo (1993, p. 16):

[...] para a maioria, a leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outros mundos, e que tem suas primeiras associações nas estórias que a mãe nos lia antes de dormir. Pelo contrário, para a maioria, as primeiras lembranças dessa atividade são a cópia maçante, até a mão doer, de palavras da família do, “Dói o dedo do Dudu”, a procura cansativa, até os olhos arderem, das palavras com o dígrafo que deverá ser sublinhado naquele dia, a correria desesperada até o dono do bar que compra o jornal aos domingos, para a família achar as palavras com a letra j. Letras, sílabas, dígrafos, encontros consonantais, encontros vocálicos, “dificuldades” imaginadas e reais substituem o aconchego e o amor para essas crianças, entervando assim o caminho até o prazer.

Práticas como essas, não negam a necessidade de haver um ensino sistemático em relação à leitura, mas desmotivam e produzem não leitores. Em relação à dimensão social, as concepções de leitura evoluem em relação a uma prática de leitura fluente, gradativa, de reajuste dos elementos constitutivos do ato de ler.

Para Kleiman (2002) e outros estudiosos, como Martins (1996), reconhece-se três concepções presentes nos meios escolares em relação à leitura:

1. A leitura como decodificação: segundo essa concepção, o aluno só necessita passar o olho pelo texto e identificar trechos que repitam o material decodificado. Seria uma atividade de decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir de condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana). Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, nada contribui para a visão de mundo do aluno, o mesmo nem precisa ler o texto, há um descaso em relação à voz do autor, não necessitando compreendê-

lo; o que persiste muitas vezes é a opinião do aluno desprovida de qualquer análise e entendimento tanto do texto quanto das ideias do autor. Nesta concepção, a leitura está fortemente atrelada à escrita no sentido da decodificação dos símbolos, ao se ler, aprende a escrever e ao se escrever aprende a ler.

2. A leitura como avaliação: esta prática inibe a formação do leitor ao invés de promovê-la. Ela se constitui em inferir a capacidade de leitura do aluno em voz alta, tentando perceber se este está entendendo ou não o que está lendo, se leu a proposta solicitada. Estas exigências afetam tanto a autoconfiança quanto os aspectos afetivos e o desenvolvimento da compreensão do aluno para torná-lo um leitor proficiente.

3. A integração numa concepção autoritária de leitura: esta concepção parte do princípio de que há apenas uma forma de abordar o texto, e uma interpretação única a ser alcançada. Essa concepção de leitura permite todas as deturpações já apontadas como: a análise de elementos discretos seria o caminho para chegar a uma leitura autorizada, a contribuição do aluno e sua experiência são dispensáveis, e a leitura torna-se uma avaliação do grau de proximidade ou distância entre a leitura do aluno e a interpretação “autorizada”.

Para Kleiman, a leitura é, no entanto, justamente o contrário: são os elementos relevantes ou representativos os que contam, em função do significado do texto, a experiência do leitor é dispensável para construir o sentido, não há leituras autorizadas num sentido absoluto, mas apenas reconstruções de significados, algumas mais e outras menos adequadas segundo os objetivos e intenções do leitor.

Pode-se reconhecer, diante do exposto em relação às tendências e concepções da prática leitora, ainda outras duas concepções embasadas em teorias de Britto, Lajolo, Kleiman e outros.

1. A leitura como análise crítica: por meio dessa prática, ou melhor, dessa concepção, a leitura é vista como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica). O leitor faz a sua leitura não como mera autoprojeção sobre o material lido, mas como realização de articulação inusitada e verossímil sobre o mundo tratado no texto. Sendo assim, pode se posicionar e estabelecer relação com seu repertório de mundo, suas leituras, vivências concomitantes a processos linguísticos e da análise do discurso.

2. A leitura como objeto de prazer: de acordo com essa concepção, o indivíduo só deve ler o que lhe for agradável e lhe causar prazer. O esforço e rigor intelectual só têm fundamento se for significativa ao indivíduo. Nessa concepção, a leitura está fortemente atrelada ao lúdico, ao familiar, à contextualização da leitura no universo de mundo do indivíduo.

Parece mister reconhecer que grande parte de algumas concepções enfocadas na escolarização da leitura, deve-se ao despreparo do professor, principalmente dos professores, em geral, das mais variadas áreas, quando colocam sobre o professor de Português toda responsabilidade pela incapacidade leitora de seus alunos, assim como a ausência em relação ao seu papel motivador e inclusivo dos alunos na sociedade letrada.

Em “A leitura em questão”, Jean Foucambert (1994) cita uma conclusão pedagógica de Frank Smith em seu livro *Comment les enfants apprennent à lire*. Segundo observações de psicolinguistas há doze maneiras de tornar difícil a aprendizagem da leitura:

1. Estabeleça como meta o domínio precoce das regras de leitura.
2. Cuide bem para que fonética seja aprendida e utilizada.
3. Ensine as letras ou as palavras, uma a uma, certificando-se de que cada letra ou palavra foi assimilada antes de passar para a seguinte.
4. Defina como objetivo principal uma leitura de palavra por palavra perfeita.
5. Não deixe as crianças adivinharem; pelo contrário, exija que elas leiam com atenção.
6. Procure evitar, de todas as maneiras, que as crianças errem.
7. Dê um feed-back imediato.
8. Detecte e corrija os movimentos incorretos dos olhos.
9. Identifique os eventuais disléxicos e trate-os o mais cedo possível.
10. Esforce-se para as crianças aprenderem a importância da leitura e a gravidade do fracasso.
11. Aproveite as aulas de leitura para melhorar a ortografia e a expressão escrita; insista também em que os alunos falem a melhor língua possível.
12. Se o método utilizado não lhe satisfazer, tente outro. “Esteja sempre alerta para achar material novo e técnicas novas”.

Essas ideias vêm ao encontro daquilo que já foi salientado anteriormente sobre os modismos da educação, bem como das deturpações e fragilidades teóricas inerentes à prática pedagógica. Paralelo a isto, está o professor de Português que deve (e muitas vezes isso não ocorre) ter uma ampla noção de linguagem sobre os diversos aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Este professor deve ser um usuário competente da língua, pois o seu papel é o de praticar e trabalhar com a modalidade culta, assim como ter amplo conhecimento da história da língua portuguesa, da literatura e das formas como ocorre a leitura e a alfabetização.

No entanto, o que se vê dentro dos muros da escola, são professores que dizem não gostar de ler e que muitas vezes pautam sua prática e métodos inovadores em modismos, abandonados à primeira derrota em sala de aula, em decorrência de um total despreparo em

relação à práxis, visto que sua prática é geralmente totalmente desprovida de teoria, principalmente de teoria da linguagem.

Sob este viés é que, segundo Britto (2007), torna-se interessante indagar de que se fala exatamente quando se afirma que haveria novas demandas de conhecimento e de uso de leitura e escrita na sociedade. Em relação às demandas, estas estão plenamente articuladas com a realidade do mercado, em que se ampliam as formas de exploração, competição e de subordinação aos interesses do capital.

Atendendo à especificidade do problema de pesquisa, no que tange a necessidade de identificar as concepções de leitura presentes nas pesquisas relacionadas à leitura do estudante universitário, bem como, suas implicações no processo de formação desse estudante, no próximo item falarei da leitura e de sua relevância para o indivíduo, assim como de que forma essa ocorre em ambiente universitário.

2.3 Leitura e conhecimento na formação universitária

É pertinente lembrar que o foco desta pesquisa é a leitura do estudante acadêmico ou, mais especificamente, o que autores de teses produziram e elaboraram, em um espaço de dez anos, sobre a leitura do estudante universitário ou, ainda, como se encontra esta atividade do estudante: como e o que este está lendo, segundo a concepção dos estudiosos. Isto posto, tendo como norte a questão fundamental desta pesquisa, que é refletir sobre o que se tem escrito sobre a leitura do estudante universitário, apresento uma breve discussão a respeito da importância desta prática para a constituição do conhecimento.

Vive-se hoje a realidade de um ensino superior que tem suas muitas finalidades oriundas de sua origem histórica deturpada. Deturpação esta que, diga-se de passagem, é decorrente das inúmeras mudanças que permeiam a sociedade globalizada.

Para Dias Sobrinho (2005, p.167):

O que o pensamento dominante espera hoje da educação superior tem um foco muito mais centrado na função econômica e nas capacidades laborais. As principais demandas atuais têm um sentido muito mais imediatista, pragmático individualista. A ortodoxia neoliberal e suas práticas levam as universidades a abandonar, ao menos em parte, sua tradicional vocação de construção do conhecimento e da formação como bens públicos, devendo elas passar a adotar o mercado, e não a sociedade, como referência central.

Finalidades primordiais como ensino e pesquisa enquanto bens necessários e pertinentes à sociedade são atropelados freneticamente pela política da mercantilização. Nessa

vertente, segundo Dias Sobrinho (2010), a Educação Superior é levada a assumir uma função mais orientada ao individualismo possessivo e ao pragmatismo econômico do que aos ideais do conhecimento universal, da pertinência e da justiça social. Isto equivale a dizer, segundo o autor, que o conhecimento e a formação estão crescentemente perdendo seus sentidos de bens públicos e direitos de todos e adquirindo mais e mais o significado de bens privados, para benefício individual.

Parece evidente, à luz dessa reflexão, tratar de questões relevantes sobre leitura e formação do indivíduo. Ao refletir sobre formação do indivíduo e o papel da leitura, Jorge Larrosa Bondía (1999) salienta que processos como ler e escrever levam o sujeito a colocar-se em movimento, sair sempre para além de si mesmo, a manter sempre aberta à interrogação acerca do que se é. Segundo o mesmo autor (p. 40):

A fidelidade às palavras é a fidelidade a isso que arranca o eu de si mesmo, a isso que permite estabelecer uma nova relação entre o eu como si mesmo e o eu como outro. A fidelidade às palavras é manter a contradição, deixar chegar o imprevisto e o estranho, o que vem de fora, o que desestabiliza e põe em questão o sentido estabelecido daquilo que se é. A fidelidade às palavras é não deixar que as palavras se solidifiquem, nos solidifiquem, é manter aberto o espaço líquido da metamorfose. A fidelidade às palavras é reaprender continuamente a ler e a escrever (a escutar e a falar). Só assim se pode escapar, ainda que provisoriamente, à captura social da subjetividade, a essa captura que funciona nos obrigando a ler-nos e escrevermo-nos de uma maneira fixa, com um padrão estável. Só assim se pode escapar, ainda que seja por um momento, aos textos que nos modelam ao perigo das palavras que, ainda que sejam verdadeiras, convertem-se em falsas uma vez que nos contentamos com elas.

Assim, ao ler, o indivíduo que se encontra na etapa de escolarização acadêmica compõe-se e recompõe-se, se inventa de outra maneira, se desestabiliza, colocando em questionamento aquilo que acredita ser. Desta forma, o indivíduo adulto que acredita já estar formado está em constante processo de metamorfose. Ao ler, o indivíduo está em contato com outros universos, adquire a capacidade autocrítica e não se deixa modelar por leituras externas. Ao menos é isto que se espera do papel da leitura em relação à constituição do conhecimento no indivíduo universitário.

Assim, ainda para Larrosa Bondía, o homem se faz, se faz ao se desfazer, se diz ao desdizer no gesto de apagar o que acaba de ser dito, para que a página continue em branco. Frente à autoconsciência como repouso, como verdade, como instalação definitiva na certeza em si, prende a atenção ao que inquieta, recorda que a verdade costuma ser uma arma dos poderosos e pensa que a certeza impede a transformação. Com isto, espera-se que com a leitura no ensino superior, o indivíduo seja capaz de contar-se a si mesmo, a própria história, ou melhor, que possa tomar consciência de si e não se autoenganar, se alienar de si mesmo.

Sendo assim, a leitura assume sua conotação de experiência na medida em que se constrói e reconstrói continuamente, visto que a leitura é um processo aberto e único, lê-se, interpreta-se agora de uma forma e daqui a pouco de outra, de acordo com suas expectativas, angústias, local, horário e outros fatores.

Além disso, partindo-se do princípio de que palavras e imagens são os elementos que constituem a leitura, são elas que determinam nosso pensamento, porque pensamos com palavras e imagens, não a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de palavras e imagens. Nesse sentido, Sardelich (2006, p.203) salienta:

Quase tudo do pouco que conhecemos, em relação ao conhecimento produzido, nos chega pelos meios de informação e comunicação. Estes, por sua vez, também constroem imagens do mundo. Imagens para deleitar, entreter, vender, com mensagens sobre o que devemos vestir, comer, aparentar, pensar. Em nossa sociedade contemporânea discute-se a necessidade de uma alfabetização visual que se expressa em várias designações como: leitura de imagens e compreensão crítica da cultura visual.

Pensar é, sobretudo, dar sentido ao que se é e ao que acontece conosco. Refletir sobre as diferentes leituras com as quais nos deparamos em nossas vivências, tais como obras de arte, cinema, fotografia, paisagens, livros, revistas e outros. Assim, o estudante universitário, seja ele de Direito, de Letras, Gastronomia, Matemática ou das mais variadas áreas, ao ler textos e imagens de sua área ou de áreas abrangentes, constitui-se, pois o homem se dá em palavras e está tecido de palavras.

O indivíduo vai se constituindo ao longo de sua formação, mais especificamente na formação acadêmica, e sempre de forma contínua e inacabada. Por meio de palavras e leituras das mais variadas, o indivíduo vai estabelecendo valores, construindo e reconstruindo conhecimentos.

A experiência formativa, na concepção de Larrosa Bondía (1999), não suporta o imperativo, não pode nunca intimidar, não pode pretender dominar aquele que aprende, apoderar-se dele. A prática da leitura, de forma dinâmica, se estabelece neste processo de formação, em uma atividade em que o mundo se descortina a um leitor atento. Descortina-se no sentido da descoberta, do amadurecimento e da constituição do indivíduo de maneira holística, ou seja, em seu sentido pleno, em seus aspectos psicológico, cognitivo, social e humano, auxiliando-o no processo de “aprender a sentir” compaixão pelo próximo, sabendo se colocar no lugar do outro, nos mais variados momentos da vida.

Ao se falar sobre a importância da leitura na formação do indivíduo enquanto ser holístico parece salutar ressaltar que, independente do grau de ensino considerado como

essencial para o ensino de leitura, é no 3º grau que o indivíduo sente frequentemente e com maior intensidade a necessidade de ser um bom leitor, pois lhe é solicitado um volume maior de leituras, e essas apresentam mais complexidade.

Além de a leitura ser essencial na formação do indivíduo, há que se destacar ainda, conforme Witter (1997, p.11), que o ensino superior “é a última oportunidade para tornar o cidadão um leitor competente, crítico, frequente, criativo, que compreende e usa de forma adequada as informações obtidas via texto”. Esse processo favorece uma das tarefas que compete ao Ensino Superior. Segundo José Dias Sobrinho (2005), esta tarefa seria a de,

formar homens e mulheres para uma existência social mais digna, solidária, justa, material e espiritualmente mais elevada. No âmbito de sua atuação e de sua competência, de modo compartilhado entre as instituições, cabe à educação superior desenvolver, afirmar, consolidar ou mesmo construir a cidadania. Essa formação de cidadãos e consolidação da cidadania é, ao mesmo tempo, construção da sociedade democrática.

Na universidade, os estudantes realizam diversas formas de leitura, leituras obrigatórias, para atender as exigências dos professores, da disciplina, na execução de trabalhos e provas, ou leituras simplesmente com a finalidade de ler pelo prazer da leitura. Nesse âmbito, se constitui a leitura que vai “formar” o indivíduo, ou seja, possibilitar-lhe o diploma de profissional, profissional das mais variadas áreas. Dentro dessa formação profissional ou qualificação, encontram-se as novas demandas sociais, articuladas com a realidade do mercado onde impera a competição, subordinação e exploração.

De acordo com Britto (2003), a qualificação a que se referem os discursos oficiais e empresariais se faz necessária na justa medida em que se busca um indivíduo mais produtivo, que saiba seguir instruções, movimentar-se com desenvoltura no espaço urbano, que assuma e respeite os valores ideológicos hegemônicos. Nesse sentido, observa-se que o tão almejado leitor (ou cidadão) crítico na universidade, molda-se às exigências do mercado, com sua competição acirrada, onde se espera dele, criticidade, para se ajustar ao sistema capitalista.

Segundo Dias Sobrinho (2005),

A capacitação profissional é um dos aspectos importantes da formação da cidadania. Ela é uma das competências mais requisitadas da educação superior, ainda que não exclusiva desta. A formação, em sentido pleno, vai muito além da capacitação profissional. Mas, a capacitação profissional é um elemento imprescindível do desenvolvimento da vida social. Não deve tratar-se de mera capacitação técnica, de adesão acrítica às exigências do mercado, nem de adesão à economização da sociedade. Deve tratar-se da formação de profissionais competentes do ponto de vista técnico e operacional, porém, com profundo sentido ético, autonomia moral e consciência de que o conhecimento e a ética são bens públicos. Sendo assim, por fazerem parte da formação cidadã de uma pessoa, devem ser elementos da

construção da vontade e dos objetivos da sociedade democrática. Em outras palavras, não devem ser meros instrumentos do sucesso individual e de qualquer apropriação privada.

Nesse sentido, a universidade, com sua amplitude de papéis deve também ser capaz de primar pela constituição desse cidadão e profissional, não de forma apolítica, imersa no “andar” da sociedade, mas, imersa no “querer” formar um cidadão mais consciente em relação a uma sociedade mais justa.

Após tratar da pertinência da leitura na formação do indivíduo, parece relevante tratar de discorrer a respeito da forma como essa vem ocorrendo no ambiente acadêmico, na visão de alguns estudiosos.

Esta relevância está atrelada ao discurso corrente que circula entre muros escolares, desde o ensino fundamental até o ensino superior, “o aluno não consegue se expressar”, “o aluno não escreve com coerência”, “o aluno não interpreta o que lê”. Essa carência é, muitas vezes, evidenciada no discurso do aluno universitário, segundo Hansen (2008), pela incapacidade real que o aluno tem de produzir e de refletir sobre objetos teóricos, textos com certa consistência interna de metalinguagem.

O que se nota muitas vezes em ambiente acadêmico e na prática do estudante é uma série de empecilhos para que sua formação seja eficaz e eficiente, especialmente no quesito leitura. Abaixo, estão enumerados alguns dos prováveis empecilhos:

1. **A leitura ocupa um espaço cada vez menor no cotidiano do brasileiro.** O indivíduo não tem mais tempo para ler.
2. **A prática da leitura ou “cultura do papel”, no dizer de Magda Soares (2002), é muitas vezes substituída pela Cibercultura** com determinados e diferentes efeitos sociais, cognitivos e discursivos, resultando em diferentes aquisições de conhecimento e habilidade. Embora se reconheça as contribuições viabilizadas pelas novas tecnologias, o que se salienta é a necessidade de se ater ao fato que um recurso não substitui o outro na prática pedagógica.
3. **Ausência de professores habilitados e possuidores de fundamentação teórica** sobre linguística, análise do discurso bem como da história da língua portuguesa, gerando determinados extremos na prática: ou se prima pelo ensino da gramática, sendo a linguagem formal tida como a única aceita, ou pela permissividade da aceitabilidade dos usos da linguagem coloquial bem como da interpretação subjetiva.
4. **Ausência de leitura de textos significativos para o aluno.**

5. **Estabelecimento de objetivos claros para a leitura a ser realizada.**
6. **Ausência de preparo adequado sobre exploração textual**, considerando-se que a interpretação dos textos é geralmente limitada a elaboração de resumos, fichamentos e indicação das ideias principais.
7. **A redução de textos elaborados para discussão à interpretação exclusiva do professor que os transmite, em forma de monólogo, aos alunos.** Esse é um dos recursos didáticos mais correntes nos cursos de graduação e pós-graduação.
8. **Pobreza no ambiente de letramento** em relação aos mais variados materiais escritos, seja dentro ou fora do ambiente escolar, como: jornais, revistas, a grande literatura, a leitura de gêneros variados, dicionários e outros.
9. **Pobreza em relação às práticas de leitura do aluno do ensino superior.**
10. **O uso de fotocópias como novo suporte de texto (xerox, apostilas)** em detrimento da obra literária. A falta de referências bibliográficas e indicações científicas que especificam a fonte dos textos prejudicam a absorção e entendimento dos conteúdos, assim como o arquivamento do material, inutilizando-o para futuros usos em pesquisas.
11. **Desconhecimento do léxico, durante a leitura.**
12. **Repetição automática de hábitos ou procedimentos de estudo** como: sublinhar, tomar notas, fazer resumos, em lugar de realizar tarefas metacognitivas importantes, tais como indagar sobre e selecionar as habilidades mais adequadas a cada caso, planejar a execução de tais habilidades, e avaliar êxitos ou fracassos.
13. **Leitura em locais e horários inapropriados** (principalmente em relação aos alunos do curso noturno que trabalham durante o dia) tais como: condução, ponto de ônibus, e somente aos finais de semana.
14. **Ausência de uma formação ampla cultural.** O indivíduo não tem o hábito (por falta de possibilidade de acesso) de participar de determinados espaços de conhecimento formal, científico e de cultura hegemônica (cinema, teatro, programas culturais), fontes estas que, no dizer de Britto (2003), proporcionam ao sujeito maior interação com formas complexas do conhecimento que fomentam a crítica e exigem reflexão, abstração e empenho para seu entendimento.

Dentro dessa vertente e em relação à formação do indivíduo no Ensino Superior, segundo Britto (2007), sugere-se que não é só porque o aluno tem dificuldade de ler e escrever que não compreende, ou compreende superficialmente, os conteúdos escolares

universitários; é porque não dispõe de formação intelectual que permita um acercamento mais denso do conhecimento formal, que sua leitura mostra-se rasa. O que se observa é que esse estudante deveria ter acesso a várias formas e fontes de cultura, o que muitas vezes não é o que ocorre.

É, assim, explícita a amplitude de papéis que a leitura desempenha na constituição intelectual dos sujeitos, sendo também discurso corrente em meios sociais e até mesmo escolares os déficits, os “prejuízos” inerentes aos indivíduos “iletrados”, “analfabetos” ou desprovidos da “competência ou habilidade leitora”. Para minimizar esta situação, tratando-se a leitura como atividade intelectual de máxima importância na formação do indivíduo, evidenciando-se os “déficits” do estudante acadêmico, várias propostas têm sido apresentadas, norteadas por estudiosos como Carvalho (2002), Britto, (2005), Castello-Pereira, (2003) e outros tantos.

Postula-se uma pedagogia da leitura nos currículos das licenciaturas, visto que esses estudantes futuramente desempenharão um papel fundamental, junto a crianças e jovens, em questões tangentes à leitura e à escrita. Nessa pedagogia da leitura, o que se coloca em pauta é a existência de diferentes tipos de leitores e a necessidade de leituras obrigatórias, não eleitas pelos estudantes, contudo necessárias e importantes para sua formação. Segundo pesquisas, acredita-se que ensinar a ler para estudar possibilita a ampliação do conhecimento textual, tornando os textos cada vez mais familiares, o que facilita a compreensão.

Prega-se a importância da leitura assistida e o modo de desenvolvê-la, sendo que essa deve ser acompanhada por um leitor mais experiente e que, eventualmente, já conheça o texto a ser lido.

Defende-se, ainda, uma “política de leitura” para a universidade, a começar pela expansão das bibliotecas e laboratórios de informática, assim como a instalação de salas de leitura nas unidades acadêmicas. Demandam-se medidas como: edições a preço de custo para universitários, realização de seminários e encontros acadêmicos para discussão da problemática leitura na universidade, com a participação de docentes, estudantes e bibliotecários.

Em relação às formas de ler e estudar, e a prática leitora do estudante acadêmico, temos que os que se consideram bons leitores, segundo Carvalho (2002), se valem de várias estratégias e modos de leitura para apropriação do texto, tais como:

- a. Escrever e anotar pontos mais significativos do texto em folhas separadas;

- b. Sublinhar, marcar, escrever, colocar pontos de interrogação ou exclamação, fazer círculos em torno de palavras ou frases destacando o que é considerado importante, reler;
- c. Escrever as opiniões ao término de cada leitura;
- d. Fazer uso restrito (em último caso) de dicionário;
- e. Ler em locais apropriados e de acordo com seus hábitos, ou seja, no quarto, na biblioteca, no sofá, na escrivaninha, ao som de um rádio ou TV etc.

Essas práticas estão fortemente atreladas às formas de ler e aos fins, sejam eles voltados para o estudo ou o entretenimento.

Segundo Carvalho (2002), para a área de Educação (e Ciências Humanas em geral), a leitura é um dos principais instrumentos de formação, porém, nem todos os estudantes são suficientemente autônomos para dar conta das complexas tarefas de leitura do Ensino Superior. Neste sentido, a autora faz uma distinção entre bons leitores e leitores inadequados.

Os bons leitores são os que dão respostas mais detalhadas em relação ao texto lido, conseguem estabelecer uma teia de sentidos e não uma estrada linear balizada por terceiros, possuem uma história de leitura com suas preferências, seus livros inesquecíveis, suas rejeições. Além disso, com mais frequência, encontram boas razões para ler e reconhecem o valor social e instrumental da leitura, a importância de ler para “obter ou ampliar conhecimentos”, e ter êxito na vida universitária. Esses leitores também se dizem afeitos a vários gêneros de textos, além de distinguir modos de ler para entretenimento e para estudo, conseguindo encontrar soluções para suas dificuldades, sendo estas específicas.

Já os leitores inadequados têm uma autoimagem negativa enquanto leitores, têm dificuldade de concentrar atenção, têm leitura lenta, falta-lhes disposição para a leitura de textos fora de sua área de interesse, e hábito. Carvalho salienta que as dificuldades são todas colocadas no polo da recepção, sem que os alunos especifiquem os textos e os problemas ali encontrados. Sendo assim, a percepção da fonte e natureza das dificuldades é algo que só ocorre com aqueles que já alcançaram certo patamar de entendimento sobre o que é leitura e como funciona.

Diante dessas constatações em relação à prática e à formação leitora, especificamente no Ensino Superior, vale frisar que, o ato de ler pressupõe muito mais do que o desenvolvimento de uma habilidade de decodificar signos linguísticos, pois se refere a conhecer, interpretar, decifrar, interagir com o texto e construir seu significado. Para isto, o

leitor ativa uma série de ações em sua mente, denominadas “estratégias de leitura”, que lhe permitem estabelecer relações e construir o seu mundo.

Diante da relevância da leitura na formação do indivíduo, conforme salienta Marisa Lajolo (1993), é difícil determinar o “mundo da leitura” e a “leitura do mundo”: onde acaba uma e começa a outra; faz-se necessário esboçar sobre o que se tem produzido e pesquisado em ambiente acadêmico, e é isso que será tratado na próxima sessão.

2.4 Importância das pesquisas em leitura

[...] era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra [...] (RAMOS, 2004, pg. 93)

Esse excerto, de Vidas, Secas, obra de Graciliano Ramos, trata do personagem Fabiano, e nos faz refletir sobre qual seria o lugar de Fabiano. Qual é o lugar, se é que existe um lugar específico para um homem, ou o homem, ser social desprovido de leitura.

Em tempos de constantes respostas, eis que surge a necessidade de começar a fazer as perguntas, pois as respostas não aguçam o lado crítico do ser. Sendo assim, cabe indagar o que se tem pesquisado no Ensino Superior, que seja realmente pertinente à sociedade, pois não é o papel do Ensino Superior: produzir e investir no ser humano de forma a torná-lo útil ao cenário neoliberal em que se vive?

Como vemos em Severino (2009, p. 259, 260), o desempenho desse papel esperado da universidade não vem sendo cumprido, pelo contrário, ele está sendo desviado a serviço de outras ideias (menos nobres):

A lógica do mercado impõe uma funcionalidade econômica, utilitarista. Induz à competitividade desenfreada. Propõe a aquisição de competências não para saber fazer, mas para competir, conhecimento utilitarista, instrumental, performance competitiva. Acaba ocorrendo uma colonização da política educacional pelos imperativos da economia. Centrada no desempenho dos indivíduos, visto como um agregado de competidores pelos postos do mercado de trabalho e não parceiros na condução de um projeto. Cada um deve construir seu port-folio de competências individuais. Aqui o impacto não é só aquele decorrente da mercantilização dos serviços educacionais, mas pior ainda, a defesa, a impregnação de uma ideologia individualista, consumista e idealista. Os jovens não saem formados do ensino superior, mas deformados, com uma visão medíocre e egoísta da vida social e de sua participação nela. Mas, além disso, internamente, a vida acadêmica é marcada por muitas contradições que, por assim dizer, comprometem a própria razão de ser da universidade, a mesquinhez, a miopia, o corporativismo, o mandonismo, o autoritarismo, o dogmatismo prevalecem e contaminam todo o organismo universitário.

Frente a essa realidade, resta-nos questionar que tipo de conhecimento se está produzindo no Ensino Superior. Quais os conhecimentos produzidos que podem reduzir as desigualdades, e que não vêm única e exclusivamente ao encontro de interesses da classe dominante e da indústria? Eis o grande desafio da universidade hoje: reorientar a pesquisa tecnológica para o público, racionalizar a comunidade da pesquisa, da ciência, visto que a cultura hoje é a cultura do dinheiro, do lucro.

E é dentro dessa cultura da alienação cognitiva, que se faz necessário pesquisar o que tem sido produzido, academicamente, sobre a leitura do estudante universitário, esse estudante que se encontra em uma etapa primordial de produção do conhecimento, de quem se espera condições eficientes e eficazes de leitura, interpretação e produção dos mais variados tipos textuais.

Constatando-se que, nos últimos anos, o Ensino Superior vem sofrendo uma grande mudança em suas bases, sendo direcionado a uma forte tendência mercantil, observa-se, como vimos na citação de Severino, acima, que objetivos como ensino, pesquisa e extensão são deixados de lado, em detrimento da dinâmica da mercantilização do ensino.

Especificamente em relação à pesquisa no Ensino Superior, pode-se constatar que a temática leitura é muito pouco explorada, principalmente em relação à leitura do aluno no Ensino Superior. A maior parte das pesquisas sobre esta temática se concentra na educação básica, investindo-se muito pouco no ensino médio e menos ainda no Ensino Superior. Com esta observação, não quero dizer que as bases não são importantes, porém, nenhum nível de ensino deve ser deixado de lado, visto que a formação do indivíduo ocorre durante toda sua vida escolar.

A questão da leitura é fundamental para dar soluções a problemas relacionados ao pouco aproveitamento escolar, situação em que o fracasso do aluno em relação à leitura resulta no fracasso da pessoa, nos mais variados níveis. Esse fracasso, ou melhor, dizendo, essa insuficiência em relação à capacidade leitora é facilmente constatada, segundo Souza e Gisotto (2008), em índices do PISA, SARESP, ENEM e INAF. Segundo as autoras, o PISA, um indicador internacional de desempenho escolar, tem revelado o quanto os estudantes não têm aprendido estratégias de leitura capazes de colocar os brasileiros em níveis superiores de aprendizagem e desenvolvimento; pelo contrário, esses se encontram entre os últimos lugares de uma lista sobre a competência leitora.

Esses índices não devem servir para gerar imobilismo e trazer apenas constatações; são diagnósticos que nos impelem a repensar em contribuições, no sentido de superá-los, e só

se pode superá-los se houver conhecimento e embasamento teórico e esses, por sua vez, só serão obtidos por meio de muita pesquisa, com foco direcionado, como, por exemplo, na leitura do estudante acadêmico.

Essas pesquisas poderão levar o professor que atua no Ensino Superior a perceber mais concretamente a necessidade de incentivar o aluno na execução de leituras críticas, que favorecerão a constituição de uma sociedade democrática e igualitária. Igualitária, no sentido de propiciar ao indivíduo acadêmico condições de ler jornais, assinar contratos de trabalho, procurar um emprego através de anúncios, observar e interpretar imagens, como obras de arte, fotografia, enfim, propiciar-lhe condições de participar da sociedade moderna em que a escrita é o código oficial.

Além disto, encontra-se a grande responsabilidade da escola, enquanto agência sistemática do ensino, em formar leitores capazes e motivados, e essa só obterá êxito, caso tenha respaldo teórico para tal.

Concomitante à necessidade de saber como está a leitura do estudante universitário hoje, bem como, como estão as pesquisas envoltas nesta temática, a pertinência desta pesquisa se consolida na necessidade de constatar, perante a análise das pesquisas realizadas, como está sendo constituído o conhecimento do estudante universitário, por meio da leitura, no que tange a sua formação profissional.

Sendo que a leitura tem sido objeto de inúmeros debates e reflexões no mundo, cabe um estudo com análise de conteúdo sobre o estado da arte, o qual corresponde a uma revisão bibliográfica do que vem sendo produzido sobre o tema no Brasil. Considerando-se que a leitura é uma atividade presente em todos os níveis educacionais da sociedade letrada e primordial nas atividades humanas, são realizadas várias pesquisas no Brasil e no mundo em torno desta temática sob diferentes perspectivas e metodologias.

Alguns dos aspectos que permeiam os diferentes estudos sobre leitura em âmbito geral são:

1. A influência de diferenças, relativas a sexo, idade e posição social, na capacidade leitora;
2. A existência de um leitor real em nossa sociedade, dotado de características condizentes às próprias condições sociais;
3. A existência de um leitor ideal que vem ao encontro da necessidade para a competência leitora;
4. A necessidade de uma disciplina escolar para trabalhar e desenvolver a leitura;

5. As diferentes formas e finalidades de leitura;
6. A necessidade do estímulo familiar e escolar para o desenvolvimento da leitura;
7. A importância de locais apropriados para realizar uma leitura prazerosa e eficaz;
8. Habilidade leitora vista como objeto de ascensão social;
9. Leitura como aspecto indissociável do desenvolvimento cognitivo;
10. Leitura atrelada ao letramento e à alfabetização;
11. A prática leitora por prazer e não por obrigação;
12. Leitura como condição fundamental para o bom desempenho do aluno;
13. Leitura como vínculo de construção de cidadãos críticos e criativos;
14. Leitura enquanto prática decodificadora;
15. A problemática da leitura atinge somente as crianças;
16. O déficit de leitura limita o êxito acadêmico do estudante universitário;
17. A aprendizagem de leitura se inicia muito antes da vida escolar, ou seja, nos primeiros anos de vida;
18. O papel da escola e da família frente à leitura de seus filhos.

É nesse contexto que proponho investigar a leitura, não como objeto isolado e genérico, mas como sinônimo das diferentes produções acadêmicas que vêm sendo produzidas sobre isto. Para tanto, senti necessário deixar de lado modismos como “a leitura enquanto fator de emancipação social” ou “a leitura como corresponsável do fracasso escolar” e tratar de encontrar as concepções de força que contribuam para o entendimento do campo em questão – a leitura na universidade.

Segundo Laura Maria Alves (2004, p.6), “a universidade enquanto instituição formadora assume o lugar privilegiado para desenvolver, induzir e favorecer mudanças, assumindo um compromisso com a formação adequada às exigências da qualificação profissional, dando ênfase à leitura e à formação do leitor”.

Sendo assim, é necessária a realização de pesquisas que inventariem o que se tem produzido sobre a leitura de estudantes universitários almejando-se verificar o desempenho e habilidades desses estudantes universitários em leitura, para diagnosticar, estimular, corrigir e prevenir possíveis falhas de leitura, assim como conhecer melhor o aluno-leitor desde que ingressa na Universidade. Saber ler e compreender o que se lê são atributos essenciais para estudantes universitários.

A seguir, apresento a metodologia da pesquisa em questão.

3 LEITURA DO ESTUDANTE: ANÁLISE DE CONCEPÇÕES CONSTRUÍDAS NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Como já foi esboçado anteriormente, há muitas pesquisas sobre a leitura de modo geral, mas nenhuma que tenha realizado uma análise criteriosa das concepções dessa prática de leitura do aluno em nível universitário, subjacentes a teses.

É com o olhar sobre este tema específico que norteiei os critérios e a metodologia da presente pesquisa.

3.1 A metodologia da pesquisa

É razoável lembrar que a pesquisa aqui desenvolvida é empírica e bibliográfica; bibliográfica no sentido de investigar e construir um referencial teórico a respeito da questão da leitura como objeto de investigação, como e por que se constitui este campo no Ensino Superior; a questão da leitura como problema pedagógico e de investigação na Educação Superior – a pertinência de buscar conhecimentos referentes à leitura; a necessidade de inventariar sobre as principais concepções de leitura.

No que tange à pesquisa empírica, esta é norteada por uma metodologia qualitativa que, segundo Minayo (1998, p.22-23), é “aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construção humana significativa”.

O corpus da pesquisa foi constituído por meio do levantamento das teses produzidas sobre a temática leitura, em um universo temporal restrito. Universo esse, como definido por Minayo (p.20), “objeto das Ciências Sociais, histórico que foi constituído em um determinado espaço, num determinado tempo, com e por diferentes grupos sociais mutáveis cuja instituição, leis, visões de mundo são provisórios, passageiros, em constante dinamismo”.

E, como afirma Santaella (2002,p.168), “nenhuma pesquisa parte da estaca zero”, mesmo em um tipo simples de pesquisa, a exploratória, que visa meramente à avaliação de uma situação concreta desconhecida, alguém, em algum lugar, já deve ter tido uma preocupação semelhante. Por isso, a procura cuidadosa e paciente, por vezes até obstinada, de fontes documentais ou bibliográficas se fez imprescindível.

Dessa maneira, realizei nesta pesquisa, inicialmente, um Estado da Arte, ou Estado da Questão, que corresponde à revisão bibliográfica ou ao conhecimento produzido sobre o tema, passando em revista todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que pudesse servir à presente pesquisa. Nos últimos anos, tem-se produzido um conjunto significativo de pesquisas denominadas “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, e estas são de caráter preponderantemente bibliográfico e têm como objetivo mapear e discutir certa produção acadêmica. Segundo Ferreira (2002), essa proposta busca enfatizar os aspectos e dimensões que vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares.

Para Laville e Dionne (1999, p.112),

os saberes e as pesquisas relacionadas com a sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar seu aparelho conceitual. Aproveitar para tornar ainda mais consciente e articulada suas intenções e, desse modo, vendo como os outros procederam em suas intenções e, desse modo, vendo como os outros procederam em suas pesquisas, vislumbrar sua própria maneira de fazê-lo.

A pesquisa do Estado da Arte é, também, reconhecida por realizar uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, por meio de análise do tema em questão – a leitura em ambiente universitário, perspectivas e concepções que caracterizam cada trabalho e o conjunto deles.

Por meio desse procedimento, é possível que o pesquisador mapeie conhecimentos produzidos em determinada área, em diferentes épocas, percebendo que as pesquisas crescem e se expressam ao longo do tempo, diversificando-se e transformando-se qualitativamente e quantitativamente.

Além disso, segundo Ferreira (2002), essa estratégia possibilita conhecer o já construído e produzido sobre o assunto, para depois buscar o que não foi feito, dedicar cada vez mais atenção a um número considerado de pesquisas realizadas de difícil acesso e dar conta de determinado saber que se avolume rapidamente e divulgá-lo.

Após a verificação do estado da questão do material, procedi a uma análise de conteúdo, na íntegra, das teses, entendendo por análise de conteúdo o conceito de Bardin (2006), “um esforço de interpretação de conteúdo que oscila entre os dois polos do rigor, da objetividade e fecundidade da subjetividade”. De acordo com Bardin (p.25), a metodologia de análise de conteúdo corresponde aos objetivos, como a superação da incerteza cuja visão pessoal do conteúdo pode ser partilhada pelos outros, podendo ser generalizável; o enriquecimento de leitura cujo olhar e leitura atenta aumentam a produtividade e pertinência.

Atrelado a esses objetivos, a técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendido deve ser reinventada a cada momento. Nesta prática, a leitura efetuada na análise de conteúdo não é apenas uma leitura da “letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. A análise de conteúdo torna em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição destes conteúdos e formas.

Assim, busquei, por meio de análise de conteúdo das teses, ou melhor, por meio de trechos das mesmas, conhecer e comprovar as concepções de leitura inerentes a esses documentos. Sendo assim, embasada nessa metodologia é que constituí esta dissertação, na qual busquei, historicamente, os estudos que foram produzidos no período entre 2000 e 2009. A seguir estão esboçados os critérios da pesquisa, ou seja, o percurso feito.

3.2 Critérios da pesquisa e recorte

A pesquisa que aqui anuncio teve suas origens na linha de pesquisa em Educação Superior no programa de pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, linha esta que trata de temáticas como Avaliação, Políticas educacionais, Globalização, Formas de conhecimento e Cultura escrita na Educação Superior e na sociedade.

Desde o início, a pesquisa foi norteada por uma delimitação histórica temporal, buscando as produções acadêmicas realizadas num período de dez anos. Por produções, inicialmente, pensei em buscar teses, dissertações e anais em congressos. No entanto, houve a necessidade, no decorrer da pesquisa, de realizar um recorte mais preciso para que se pudesse constituir o corpus da pesquisa com maior rigor e precisão.

A pesquisa foi totalmente elaborada sobre fontes obtidas por meios eletrônicos no que se refere à parte empírica do processo; sendo assim, a busca das referências foi realizada em sítios específicos à temática em questão, tais como Google Acadêmico, CAPES e bibliotecas universitárias. Para realizar esta pesquisa, foi necessária a utilização de várias palavras-chave durante a busca tais como: leitura, conhecimento, leitor, leitura acadêmica, leitura de estudante e outras.

Muitos foram os percalços encontrados nessa fase da pesquisa, pois, apesar de a pesquisa ser socialmente difundida como algo necessário e de livre acesso a todos, na prática, não foi bem isso o que pude constatar.

No gráfico 1, pode-se observar todo o material pesquisado de forma ampla sobre a temática leitura. Entre os resumos nos arquivos da CAPES, esta temática é abordada em quarenta e quatro artigos de revista e anais de congressos, e vinte e oito dissertações, além das teses. Pelo rigor científico esperado em teses de doutorado, esta pesquisa limitou-se a elas. Observei, ainda, que a maior parte dessas produções acadêmicas foi realizada por mulheres.

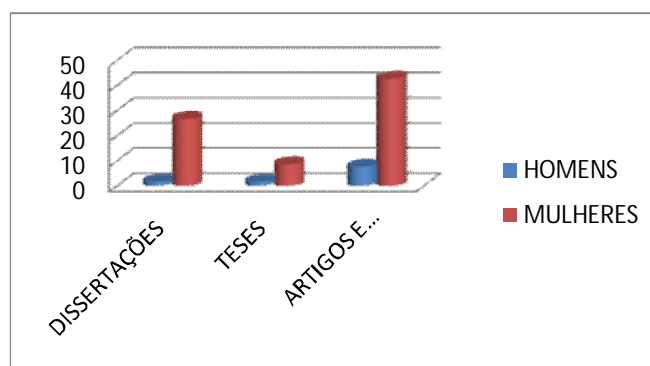


Gráfico 1 - Produção Acadêmica por Gênero
Elaboração própria.

Muitas teses e a maioria das dissertações não se encontram ainda em arquivo eletrônico. De acordo com as exigências da CAPES, estas só têm a obrigatoriedade de constar em arquivo eletrônico a partir do ano de 2006. Dessa forma, muitos trabalhos só poderiam ser analisados por meio de resumos e, segundo Ferreira (2002), há que se questionar até que ponto um resumo pode ser lido como parte de um todo. Além disso, ainda segundo essa autora, talvez não seja possível afirmar o que se tem falado sobre determinado tema ou área do conhecimento, em um país, num certo período de tempo, a partir só da leitura de resumos. Ou seja, “resumos oferecem uma história da produção acadêmica através de uma realidade constituída pelo conjunto de resumos que não é absolutamente a mesma possível de ser narrada através das realidades constituídas pela dissertação de mestrado e teses de doutorado” (FERREIRA, 2002, p.268).

Além dessa dificuldade, muitos artigos e anais de congressos não tinham as referências completas, tendo sido omitidas, muitas vezes, informações relevantes, como nome da revista na qual o artigo foi editado, instituição de produção da pesquisa e outras.

Diante desse contexto e da constatação da fragilidade de alguns materiais empíricos, optei por instituir como corpus da pesquisa exclusivamente as teses, levando em consideração o rigor científico do material e o fato de que muitas destas constituíam-se de artigos, anais e dissertações pesquisadas, pois eram reflexo e produto de um material que estava sendo construído em longo prazo.

Delimitado o corpus, a busca pelas teses foi a confirmação do que já havia sido percebido ao longo da pesquisa, pois das onze teses encontradas sobre a temática em questão, apenas quatro estavam disponíveis em arquivo eletrônico nos sítios da própria instituição da pesquisa ou do Google Acadêmico. Para conseguir o restante das teses que compunham o corpus da pesquisa, foi necessário entrar em contato com os autores das teses ou com seus respectivos orientadores para conseguir que os mesmos disponibilizassem o material em seus arquivos pessoais (isto levou alguns meses). Além disso, duas teses foram adquiridas pelo regime Comut entre as instituições, ou seja, foi necessário pagar para ter acesso ao material de pesquisa, material este que é tido como bem público. Dentro deste contexto, evidencia-se que o caráter de difusão do conhecimento tão propagado no Ensino Superior muitas vezes esbarra em dificuldade de acesso, vindo à tona contradições inerentes ao sistema educacional e que, sem dúvida, deve ser objeto de reflexão. Em relação ao papel da importância das pesquisas na Universidade ou mais especificamente do acesso da sociedade a esse conhecimento, Severino salienta (2009, p.253):

Comprometida com o conhecimento, ela o será também, por decorrência, com a extensão e a pesquisa, tanto quanto com o ensino. Muitas são as dificuldades que a universidade brasileira encontra em sua inserção histórica na sociedade brasileira, sob os diversos condicionamentos políticos, econômicos e sociais. Mas enfrentam também problemas no interior de sua esfera específica, como lugar de produção, sistematização e disseminação do conhecimento, problemas ainda não devidamente superados.

Ainda em relação à pesquisa e ao acesso da comunidade ao conhecimento, Severino evidencia que a comunidade precisa da pesquisa para poder dispor de produtos do conhecimento em que o aluno ou indivíduo ser social só consegue aprender significativamente se sua aprendizagem se der como construção do conhecimento.

3.3 Exposição e análise dos dados

Após o recorte inicial do corpus da pesquisa este se constituiu de onze teses. Dessas, pôde-se observar que foram produzidas em diferentes regiões do país, sendo nove na região sudeste, uma na região centro-oeste, e uma na região nordeste, não havendo nestes dez anos nenhuma produção referente à temática no norte e sul como pode ser observado no gráfico 2 (lembrando que ainda não há, em arquivo eletrônico, registro completo das teses produzidas no Brasil nos últimos anos):

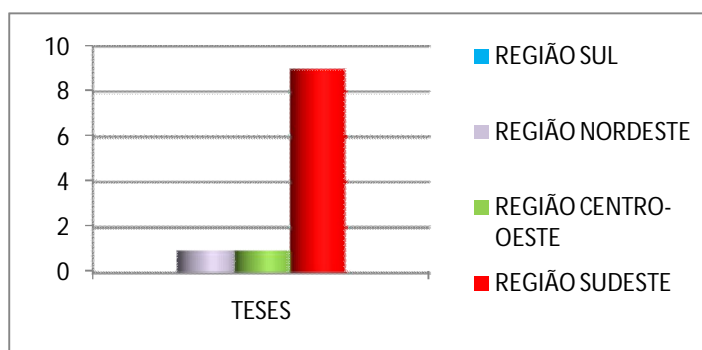


Gráfico 2 - Teses feitas no Brasil - apresentação por Região
Elaboração própria

Em relação ao tipo de instituição de ensino superior que mais realizou as pesquisas, pode constatar que, por uma pequena margem de diferença, as instituições privadas foram as que mais realizaram pesquisas sobre a temática leitura.

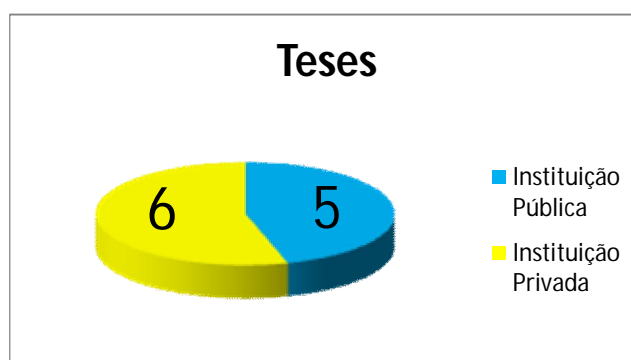


Gráfico 3 - Teses produzidas no Ensino Superior, entre 2000 e 2009, em Instituições Públicas e Privadas
Elaboração própria.

Seis teses foram elaboradas em instituições privadas e cinco em instituições públicas, indo desta forma, contra o caráter e fundamento de pesquisa da instituição pública. No entanto, este dado não é suficiente para chegar-se a uma conclusão sobre isso, visto que muitas são as variantes que podem influenciar sobre essas produções, tais como cursos que estas instituições oferecem, clientela atendida e outros fatores.

Como exposto anteriormente, em relação ao gênero, a maioria das teses, foi elaborada por mulheres. Apenas duas foram produzidas por estudantes do sexo masculino, fato este relativamente justificável, ao se considerar que as pesquisadoras atuam em cursos de licenciaturas (Pedagogia e Letras). Esses cursos estão voltados para a formação básica e

inicial do indivíduo, e as questões de leitura, escrita e conhecimento são emergentes em sua formação e prática.

No quadro 1, pode-se observar a área das licenciaturas, bem como o foco temático das pesquisas realizadas:

TÍTULO	ÁREA	FOCO TEMÁTICO	PALAVRAS-CHAVE
O ensino de língua portuguesa nos cursos superiores: em busca de uma pedagogia da leitura e da escrita.	Teoria e Análise Linguística	Leitura e produção de texto	Produção de textos; Ensino superior; Linguística textual
O papel da leitura e da escrita nos movimentos de inclusão e exclusão das camadas populares na universidade.	Educação	Leitura e escrita	Leitura; Escrita; Universidade; Inclusão; Setores populares
Leitura e formação docente: a trajetória da prática da leitura de alunos (as) do curso de Letras.	Educação	Leitura e formação docente	Formação de professores; Ensino da leitura; Formação
Como reverbera a palavra: contribuição a uma teoria interdisciplinar de educação.	Educação	Palavra, leitura, interpretação, argumentação e reflexão	Interdisciplinaridade ; Educação; Comunicação; Intersubjetividade
Retrato em branco e preto de hibridismo midiático: práticas culturais dos estudantes de licenciatura da UFRJ, futuros professores.	Educação	Leitura e leitura privatizada	Educação; Práticas culturais; Formação de professores
Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes.	Educação	Desempenho e compreensão de leitura	Inteligência; Desempenho acadêmico; Vestibular
Compreensão da leitura e competência na escrita em alunos de direito.	Aprendizagem, desempenhos acadêmicos, ensino aprendizagem, psicologia do ensino e da aprendizagem. ⁶	Leitura e escrita	Avaliação de ensino; Petição; Ensino superior
Interdisciplinaridade, Comunicação, Educação, Leituras, Narrativas e Metáforas.	Educação	Dificuldade leitura, escrita e interdisciplinaridade	Comunicação; Interdisciplinaridade ; Narração; Metáfora
Uma ponte pela escrita.	Literatura Brasileira	Leitura, escrita, interatividade, blogs, internet e literatura	Leitura; Escrita; Complexidade; Barthes; Narrativa; Interatividade

⁶ Embora entenda esses itens como subáreas da área da Educação, a CAPES não catalogou esta tese, em sua ficha de resumos, disponível online, na área de Educação, por essa razão, não foi utilizada no presente estudo.

CD-LETRAS: Gênero discursivo, práticas de letramento e identidades.	Linguística, Letras e Artes	Escrita acadêmica e letramento	Gênero Discursivo; Práticas de letramento; Contexto virtual
O funcionamento de textos divergentes sobre energia com alunos de física. A leitura no ensino superior.	Ciências Humanas e Educação	Leitura	Leitura; Energia; Textos divergentes; Ensino de física; Educação

Quadro 1- Foco das Teses Pesquisadas - elaboradas entre 2000 e 2009
Elaboração própria

Assim, tem-se: **1** tese na área de Teoria e Análise Linguística, **6** na área de Educação, **1** na área de Aprendizagem, desempenhos acadêmicos, ensino aprendizagem, psicologia do ensino e da aprendizagem⁶, **1** na área de Literatura Brasileira, **1** na área de Linguística, Letras e Artes e **1** na área de Ciências Humanas e Educação.

Quanto à instituição, a região e a data de produção das teses, pode-se observar, no gráfico 4.

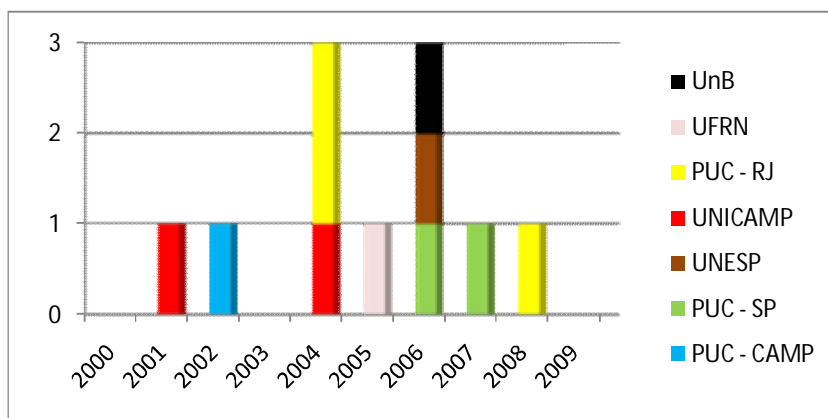


Gráfico 4- Teses Produzidas no Ensino Superior, entre 2000 e 2009, e suas respectivas Instituições
Elaboração própria.

Conforme ilustra o gráfico 4, no ano de 2000 não foi produzida nenhuma tese com a temática da leitura; em 2001, foi produzida **1** tese na UNICAMP; em 2002, **1** na PUC-Campinas; em 2003, não se produziu nenhuma tese; em 2004, produziu-se **1** tese na UNICAMP e **2** na PUC – Rio de Janeiro; em 2005, foi produzida **1** tese na UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte); em 2006, produziu-se **1** tese na PUC-São Paulo; **1** na UNESP (Universidade Estadual Paulista de Rio Claro) e **1** na UNB (Universidade de Brasília). Em 2007, foi produzida **1** tese na PUC-São Paulo e, em 2008, **1** na PUC do Rio de Janeiro, sendo que em 2009, não foi realizada nenhuma tese no Brasil referente à temática em questão.

Realizada a exposição das teses pesquisadas, apresento agora a análise das mesmas.

Partindo do princípio que a área que teve o maior número de pesquisas referentes à temática da leitura, foi a área da Educação, optei, após uma análise documental, em que passei da análise de um documento primário (os resumos das teses) para um documento secundário (teses na íntegra), por analisar e ilustrar as concepções de leitura apontadas nas teses que pertencem à área da Educação como pode ser observado nas fichas de resumo de teses da CAPES (ANEXO A).

Essa constatação de que a área que teve o maior número de pesquisas (seis de onze trabalhos) foi a área da Educação, ilustra a preocupação, em um tempo significativo de dez anos, em se pesquisar, buscar respostas e possíveis caminhos para problemas emergentes em relação à leitura dos alunos. Constatação esta não tão representativa nas outras áreas.

Assim, as teses selecionadas para análise são as constantes no quadro 2:

AUTOR (A)	TÍTULO	ANO
BAYMA, A.C. P.	O papel da leitura e da escrita nos movimentos de inclusão e exclusão das camadas populares na universidade.	2004
BENEVIDES, A. S.	Leitura e formação docente: a trajetória da prática da leitura de alunos(as) do curso de Letras.	2005
BLUMENSCHHEIN, E. C.	Como reverbera a palavra: contribuição a uma teoria interdisciplinar de educação.	2007
BOTELHO, M. G. B.	Retrato em branco e preto de hibridismo midiático: práticas culturais dos estudantes de licenciatura da UFRJ, futuros professores.	2004
MUNHOZ, A. M. H.	Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes.	2004
VARELLA, A. M. R. S.	Interdisciplinaridade/Comunicação/Educação Leituras, Narrativas e Metáforas.	2006

Quadro 2 - Teses a serem analisadas
Elaboração própria

As categorias que aqui serão analisadas nas teses, bem como algumas de suas fundamentações históricas e sociais partiram do estudo de referencial teórico no qual as ideias

se complementam em vários aspectos. No entanto, considero alguns posicionamentos, segundo os quais, as formas de se relacionar com a leitura estão estritamente relacionadas às maneiras de estar em contato com a mesma no universo escolar, mais especificamente à prática mediadora do educador bem como do próprio sistema escolar em consonância com as divergências e interesses da sociedade capitalista e globalizada (KLEIMAN, 1999, 2002; LARROSA BONDÍA, 1999; ORLANDI, 2000; LAJOLO, 1996; MARTINS, 1996; FOUCAMBERT, 1994).

Em outro sentido, caminha uma corrente de pensamento que não deixa de considerar a anterior, segundo a qual, as formas de ler estão estritamente relacionadas a razões voltadas ao meio social, ao contato com os vários suportes de leitura, às individualidades do sujeito, ao envolvimento de várias operações cognitivas bem como a relação entre leitura/conhecimento e escrita inseridas e articuladas aos valores, saberes e contexto social, sendo a leitura uma prática social. (MANGUEL, 1997; CARVALHO E SILVA, 1996; KLEIMAN, 1995, 2009, 2005; BRITTO, 2003, 2007; GOULART, 1996).

Partindo dessas duas linhas de raciocínio, estabeleci as seguintes categorias de análise, ou melhor, as concepções da leitura do estudante universitário que podem ser melhor visualizadas no Quadro 3:

CONCEPÇÕES	
DECODIFICAÇÃO	O aluno necessita apenas “passar os olhos” pelo texto e identificar trechos, decodificação mecânica de signos linguísticos, condicionamento estímulo resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana). Concepção que dá lugar a leituras dispensáveis, pouco contribui à formação do aluno.
AVALIATIVA	Inferir a capacidade de leitura, presta-se atenção à forma, à pontuação, pronúncia, quantidade e cumprimento de tarefas. Insistência no controle, diminui a semelhança entre leitura espontânea, do cotidiano e leitura escolar. A leitura não tem engajamento cognitivo ou afetivo.
AUTORITÁRIA	Há apenas uma forma de abordar o texto, uma interpretação única. Leitura por análise de elementos discretos, a experiência e contribuição do aluno são dispensáveis, a interpretação é “autorizada” pelo professor que estipula o que deve ou não ser lido.
ANÁLISE CRÍTICA	Vista como processo, envolve componentes emocionais, intelectuais, neurológicos, culturais, econômicos, políticos (perspectiva cognitivo-sociológica), as interpretações e vivências do aluno são consideradas como principal agente mediador do processo.
OBJETO DE PRAZER/LÚDICA	Só se deve ler o que for agradável e causar prazer, for significativo ao indivíduo, leitura atrelada ao lúdico, familiar. Textos e suportes textuais distantes da realidade do aluno não são considerados adequados.

Quadro 3 - Concepções de Leitura a serem analisadas nas Teses.

Assim, como podem ser observadas, concepções da prática leitora, ou seja, as formas de ler bem como essa prática pode ser direcionada ao aluno, podem ser subdivididas em cinco concepções, que são apontadas nas seis teses analisadas como práticas existentes no Ensino Superior.

As teses que denunciam a leitura do estudante universitário como norteada por uma concepção autoritária e de decodificação são duas.

“O papel da leitura e da escrita nos movimentos de inclusão e exclusão das camadas populares na universidade” (PUC/RJ) (BAYMA, 2004) que tem o seu foco temático em leitura e escrita, apresenta como se dá uma concepção autoritária de leitura no Ensino Superior, ou melhor, as práticas que sustentam e viabilizam esta concepção.

Nessa concepção autoritária se focaliza as formas de ler, o que leem, leituras impostas, cobrando-se nas aulas uma interpretação já esperada pelo professor como única ideia concebida; o aluno se posiciona frente ao texto com uma postura instrumental, buscando no mesmo só o que pode ser solicitado dele futuramente nas aulas e nos exercícios; professores não fazem indicações de o que seria uma escrita adequada. Nesse sentido, em relação a uma interpretação unilateral referente ao texto, Kleiman (2009) salienta que a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pelo uso do conhecimento prévio, em que o leitor utiliza, na leitura, o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Orlandi (2000) enfatiza o trabalho pedagógico do professor quando muitas vezes a leitura ideal do mesmo é fornecida pelo livro didático.

Para Bayma (2004), vive-se hoje um intenso debate sobre a implementação de políticas de ações afirmativas que garantam o acesso de afrodescendentes e estudantes à rede pública de ensino universitário, especificamente no Rio de Janeiro. Em sua pesquisa, o principal questionamento que se coloca refere-se a qual o papel da leitura e da escrita nos movimentos de inclusão/exclusão das camadas populares na universidade. Além disso, ela traz reflexões relativas aos universitários dos setores populares e a relação com as práticas dos estudantes das elites de leitura e de escrita. Segundo a autora, há uma desigualdade imposta pelo sistema educacional no Brasil em relação às práticas de ler e escrever.

A pesquisa foi realizada em duas universidades, sendo uma pública e outra privada, houve também um processo de imersão em uma comunidade de baixa renda. Nesse processo, a pesquisa aponta para a dimensão formadora da universidade, considerando-se que muitas

vezes a mesma não favorece o hábito de práticas de leitura e escrita e outras práticas culturais, dando continuidade a uma situação já existente no Ensino Fundamental e Médio, como pode ser constatado no trecho seguinte comentado por uma das alunas entrevistadas na tese, em relação às práticas culturais.

Há uma infinidade de outras atividades que se dão no campus, das quais, em função de sua rotina, ficam privadas, tais como aulas de inglês, dança, canto coral, movimento estudantil, só para citar as que foram por elas mencionadas. Em geral, estas atividades, ou são oferecidas em horário das aulas ou em horários proibitivos para quem mora fora das redondezas da universidade. (p.80).

Já em relação às práticas de leitura e escrita e a forma como isto é abordado em sala de aula na universidade destaca:

outras dificuldades se lhes impõem. A maior de todas, parece relacionar-se às competências linguísticas. [...] reclamam da dificuldade de ler e interpretar, de redigir um texto e de se expressar oralmente em sala de aula sem receios. Em geral, preferem ficar caladas, só ouvindo, com “medo de falar bobagem”. Em entrevistas, amiúde, relatam casos em que suas falas são interrompidas por professores para correção de formas verbais ou erros de concordância: “eu não falo os esses e, às vezes, então, eu acho melhor nem falar, fico com vergonha”. Em suas falas ecoam as falhas constantemente apontadas: “meu texto não tem conteúdo”, “eu não entendo o que o autor quis dizer”, “eu não sei escrever o que o autor quer dizer”, “eu não sei fazer um resumo crítico”, “eu não tenho tempo”. [...] (p.81).

Em relação à seleção de textos e obras a serem lidas Bayma salienta a principal prática constante junto aos alunos:

A eleição dos textos, portanto é, via de regra, imposta pelos professores e seguida, em geral, com pouca autonomia pelos estudantes.(p.166).

[...] observa a preocupação em buscar textos mais fáceis, mais acessíveis à capacidade de compreensão dos estudantes que, segundo os professores, é muito baixa. No interior do conjunto destas estratégias, há desde a preferência de comentadores no lugar de trabalhar com os “autores clássicos”, passando pelo uso de trechos de livros didáticos originalmente destinados ao ensino médio ou de revistas pedagógicas de divulgação, até a preparação de “traduções” elaboradas pelos professores, espécie de resumos dos conteúdos “em linguagem mais simplificada.” (p.168).

[...] os cuidados tomados pelo professor-organizador-autor, em registrar sua origem, ou seja, as referências de onde o texto foi capturado. Parece que a maioria dos professores costuma anotar nos textos as suas referências bibliográficas, mas também se tem notícias de que, muitas vezes, talvez pela falta de tempo, estas referências se perdem, ficando o texto, preso à sua nova unidade, construída pelo professor para o seu curso. (p.169).

Já a tese **“Leitura e formação docente - A trajetória da prática da leitura de alunos/as do curso de Letras” (UFRN) (BENEVIDES, 2005)** teve como norte a análise da prática da leitura e a reflexão crítica sobre a formação do profissional do curso de Letras, e,

ainda, a busca de uma reflexão sobre as condições de acesso aos conhecimentos necessários para os professores de língua materna. De acordo com a tese, que constituiu seu corpus com um memorial de leituras, no qual alunos relatam suas experiências de leitura e a sua compreensão a respeito da formação de leitores/as no curso de Letras, Benevides destaca que em relação à postura do aluno que chega ao curso de Letras, pode-se notar que:

[...] em nossa prática como formadora de professores, uma das situações que mais acontecem é a do/a aluno/a que chega procurando um saber pronto, empacotado, que será utilizado mais adiante, em sua prática como professor de língua materna. (p.48).

Essa situação é decorrente, possivelmente, das experiências que esse mesmo aluno teve nos seus anos anteriores de escolarização e acabam por justificar e direcionar práticas, como as sinalizadas por Benevides, quando “em geral os programas de formação de professores têm como preocupação o foco no conteúdo a ser ensinado e na metodologia neles abordada.” (p.113).

Em relação à leitura que os alunos realizam durante a formação docente, destaca-se, na tese, ao fato de não ter acontecido, nos cursos analisados (Letras e Pedagogia), a leitura de nenhuma obra completa. Os alunos, em depoimento durante uma entrevista, diziam: “O que eu li sobre Paulo Freire, era o que estava nas apostilas”, “Não deu para ler nenhuma obra de Piaget porque era muito difícil”, “A leitura de Linguística só foi feita pelas apostilas”. (p.126). Esse tipo de fala revela a prática dos professores em relação à cobrança e cumprimento de tarefas dos alunos, bem como o hábito de leitura dos mesmos.

Quanto à dificuldade da seleção de textos a serem trabalhados em salas de aula, principalmente daqueles que expõem aspectos teóricos mais profundos a tese destaca:

[...] observamos que, mesmo quando os professores-formadores tentam utilizar um material mais acessível, ao encaminharem as aulas, acabam por fazer o mesmo tipo de aula de interpretação de textos que existe em outros níveis de ensino. A aula fica sistematizada em: leitura por parte dos alunos, discussão sobre o assunto tratado nos textos e, para finalizar, um trabalho escrito sobre os temas lidos. Para alguns alunos, esse formato de aula atende às necessidades de aprendizagem e eles conseguem um bom desempenho. Para outros, percebemos que o tempo direcionado para as leituras e discussões ainda não foi suficiente para a construção dos saberes trabalhados. (p.127).

Esse modo de trabalhar o conteúdo, na sociedade atual, está associado ao desenvolvimento da tecnologia, que prevê um mundo utilitário e desprovido de pensamento autônomo e reflexivo. A autora constata, ainda, um “distanciamento” entre as práticas de “esperas” e “elaboradas”:

[...] pudemos depreender que a relação aluno- leitor/professor-formador/texto ocorre de modo desarticulado. Os alunos-professores, sujeitos de nossa pesquisa, descreveram uma cena bastante comum naqueles cursos: a leitura de textos das disciplinas de formação específica (como Linguística, Teoria Literária, Morfologia, etc.) pouco acontecia em sala de aula, geralmente o professor-formador solicitava que ela fosse realizada em casa. No entanto, isso não acontecia de fato, alguns poderiam até ler o texto, mas não traziam questões, o texto em si não era analisado com profundidade. [...] havia aulas em que os professores-formadores agrupavam os alunos para que realizassem a leitura em coletivo, mas havia membros dos grupos que não interagiam, não se envolviam com o ler e aguardavam as explicações dos professores para darem a aula como entendida. Segundo esses dados, aqueles estudantes que queriam mesmo estudar, praticamente o faziam de modo solitário ou em grupos à parte. Outro comentário relevante que anotamos desses sujeitos de pesquisa foi o fato de todos considerarem as aulas explicativas de textos mais complexos muito superficiais. (p.128).

Assim, a leitura em sala de aula é muitas vezes realizada sob a responsabilidade do aluno, a ele é imposta a tarefa de ler, interpretar, reproduzir o que leu e fazer os trabalhos solicitados, bem como habituar-se a práticas como leitura em voz alta, em público. Benevides aponta aí a ausência de qualquer reflexão:

[...] o/a professor/a se preocupa apenas com a transmissão do conteúdo, mesmo utilizando-se de bons procedimentos de avaliação, mas não considera a realidade psicossocial do aprendiz, o envolvimento com a aprendizagem acontece superficialmente. Os/as aprendizes se sentem desanimados (as) e impotentes [...] (p. 176).

De maneira geral, pude observar que as teses que reconhecem e apontam, no Ensino Superior, a leitura enquanto prática autoritária e decodificante reconhecem a mesma atrelada a posturas como sendo de responsabilidade do aluno o ato de ler, interpretar e de reproduzir o que leu na execução de trabalhos solicitados. E indicam, ainda, que essas interpretações devem estar diretamente relacionadas às ideias do professor. Além disso, está a inexistência de práticas como a leitura de livros completos. Considerando-se que os professores não têm formação adequada para desempenharem a função de mediadores da prática leitora, entre os resultados observados estão: a ausência de suporte de leitura; a leitura de textos fragmentados (apostilas), sem referências; leitura de material impresso limitado às sugestões do professor; interpretação de textos necessariamente ligada à interpretação do professor; falta de leituras críticas e reflexivas dos textos solicitados (por não saberem fazê-lo). Enfim, não se lê, não se comenta, não se questiona, não se reflete, não se forma, não se transforma.

Não se tem informação sobre o conhecimento que os alunos trazem para a sala de aula, os currículos são defasados e marcados por uma visão tradicional de estudo. Para a maioria dos alunos, ler é uma atividade de decifração, bem como de cumprimento de tarefas sem uma orientação mais detalhada sobre a leitura. Não se estimula muito a compra de livros e nem a

frequência à biblioteca, as apostilas a serem lidas geralmente estão em uma linguagem difícil e extensa, não sendo cobradas em outra forma de atividade. Sob este viés, Kleiman (2009) salienta que o contexto escolar muitas vezes não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação à atividade de leitura, tornando-a confusa, muitas vezes, um simples pretexto para cópias e resumos - o aluno lê sem ter ideia de onde quer (ou deve) chegar.

Em relação à concepção avaliativa, tem-se, predominantemente, uma tese juntamente com a concepção de decodificação, considerando, como aspectos relevantes no processo de leitura: o conhecimento lógico verbal, ênfase no ensino de gramática e no aspecto prescritivo da língua, a sucessão linear das unidades linguísticas e a ênfase no desenvolvimento e trabalho com a norma culta. Essa postura de não fazer a leitura surgir de uma necessidade para chegar a um propósito, no dizer de Kleiman (2009), não é propriamente leitura; quando se lê porque outra pessoa “manda ler”, como acontece frequentemente na escola, se está apenas exercendo uma atividade mecânica, que pouco tem a ver com significado e sentido, não conduzindo à aprendizagem, visto que é uma leitura desmotivada. Para Brito (2009), ler é mais do que enunciar um texto em silêncio ou em voz alta, decifrando o escrito que representa o fluxo verbal.

A tese **“Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes” (UNICAMP) (MUNHOZ, 2004)** teve como objetivo analisar as possíveis correlações entre o desempenho acadêmico, tendo como sujeitos estudantes universitários dos cursos de Administração, Engenharia Civil, Letras, Matemática, Medicina, Odontologia, Pedagogia e Psicologia. Munhoz buscou identificar as habilidades cognitivas relevantes para o sucesso acadêmico. Assim, de acordo com a tese, a leitura

[...] refere-se ao total de conhecimentos armazenados que incluem destrezas básicas de compreensão da linguagem escrita e a expressão do pensamento através da escrita. Engloba habilidades básicas, como por exemplo, a decodificação e habilidades complexas como, por exemplo, a compreensão de um texto. Também envolve habilidades de escrita, conhecimentos de uso da língua e velocidade de leitura. Para Hernandez esta habilidade está geralmente associada ao desempenho. (p.18).

Para Kleiman (2002, p. 24), é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. Muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes nessa conversa, muitos pontos que ficam obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão.

De acordo com Munhoz (p.19), as habilidades referentes à leitura e escrita consideradas relevantes no Ensino Superior são: decodificação de leitura, compreensão de leitura, compreensão da linguagem verbal, habilidade de soletrar e velocidade de leitura.

Quanto às teses que consideram a leitura enquanto objeto de prazer/lúdico, foram encontradas três.

“Retrato em branco e preto de hibridismo midiático: práticas culturais dos estudantes de licenciatura da UFRJ, futuros professores” (PUC/RJ) (BOTELHO, 2004) que teve como objetivo investigar as práticas culturais de futuros professores, analisando se a passagem dos alunos pela universidade tem mais uma dimensão formativa ou profissionalizante. Botelho constata que:

As práticas de leitura diferenciadas entre os alunos são reveladoras quando as mesmas são descritas como: mais acompanhada por música, leitura de revistas científicas ou sobre beleza/moda/corpo, leitura de e-mails ou jornais, estes pela internet ou não, jogos, ou mesmo livros de literatura, como compromisso acadêmico ou como lazer. Também a principal forma de acesso aos livros é reveladora de diferentes práticas culturais de leitura entre os cursos, tais como pesquisa no Google. (p.21,22).

Práticas essas que não minimizam a capacidade e necessidade de leitura, não prejudicando o aluno, considerando-se que estão próximas à realidade do aluno.

Já a tese **“Interdisciplinaridade/ Comunicação/ Educação-Leituras, narrativas e metáforas” (PUC/SP) (VARELLA, 2006)**, além de apresentar uma concepção lúdica, apresenta também uma concepção crítica. A tese tem como foco analisar os princípios e procedimentos da teoria interdisciplinar que podem ajudar em mudanças na prática docente, se preocupa com coerência, clareza e coesão das ideias. Varella indica que muitos alunos, ao ingressarem na Universidade, apresentam dificuldades em relação às linguagens oral e escrita, sendo que alguns não conseguem refletir e/ou argumentar a respeito de temas expostos, por não terem bagagem cultural aprimorada. Ainda segundo a autora, esses alunos tiveram pouco contato com livros e essa lacuna os impede de estabelecer relações e interações. Escrevem da forma como falam, não se preocupam com coerência, clareza e coesão das ideias. O público alvo da pesquisa em questão foi constituído por universitários dos cursos de Comunicação Social, Publicidade e Jornalismo, Administração, Direito, Nutrição e Psicologia. O problema em questão era “Como aguçar o desejo de ler mais e escrever melhor?”. De acordo com a tese: “É um caos geral, há momentos em que o professor universitário se vê frente a situações extremas de problemas de comunicação” (p.22).

A concepção lúdica e crítica podem ser observadas nos seguintes trechos:

Incentivar a leitura de diferentes textos, exercitar o uso da linguagem escrita, levá-los à elaboração de narrativas, à busca de metáforas podem tornar-se mobilizadores de sentidos capazes de gerar metamorfose.

As aulas de Língua Portuguesa com incursão na literatura mobilizam no aluno o sentido de investigar-se, registrando o que pensa a respeito de sua própria história de vida. Ao desenvolver o sentido da autoescuta se autoidentifica, podendo compartilhar seu interior com outrem. Percebo nesse sentido de escutar, potencialidades de contaminação. (p.23).

Em relação à concepção crítica, observa-se, por exemplo, a seguinte comentário da autora: “[...] valorizar todo conhecimento já trazido por eles e elaborar estratégias básicas para que pudessem aproveitar melhor o tempo para a leitura e retirar do texto as ideias importantes [...]” (p.31). Para Varella, a respeito das práticas de leitura, da forma como ocorrem hoje, há muito que questionar:

Leitor mecânico, isso não me saía da mente, quantas leituras mecânicas havia feito, por isso não conseguia lembrar de nada e quando perguntava aos alunos sobre o que já haviam lido, eles também não lembravam e se conseguiam nomear algum livro não traziam nenhuma reflexão sobre ele! Que desperdício! Comecei a perceber que a leitura deveria servir para algo, caso contrário, para que ler, se de nada serviu? Onde ficavam as reflexões? As transformações? As discussões? (p.33).

As teses que admitem uma postura lúdica consideram a prática leitora como uma atividade interativa, que deve estar atrelada a metodologias divertidas, diretamente ligadas à vivência do aluno, objetivando o desenvolvimento da imaginação. O aluno nessas teses é tido como um construtor ativo de seus conhecimentos; a leitura em sua rotina deve propiciar prazer, estar conectada a outras atividades que despertem nele satisfação, como: música, leitura de revistas, seções de jornal, internet e outras tecnologias que vêm ao encontro daquilo que é de interesse do aluno, algo com o que está acostumado.

Em relação a este contato com o mundo digital, em que muitas vezes a tela como espaço de leitura e escrita torna-se, na sociedade atual, a principal fonte de interação entre escritor e leitor, leitor e texto, Magda Soares (2002) salienta que essa mudança traz consequências cognitivas, sociais e discursivas principalmente ao se considerar que o estado ou condição dos que adquirem esta nova tecnologia digital é diverso dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel, acarretando, assim, significativas lacunas, visto que um recurso não anula ou substitui o outro. A tese de Varella, que se posiciona de maneira lúdica e crítica também considera que o que deve ser visto na prática leitora em sala de aula é uma prática norteadada pela vivência do aluno, que o faça refletir, entrar em contato com textos que o façam perceber a própria realidade, senti-la e intimidar-se para, desta forma, intervir em seu meio.

Em relação à análise crítica, analisei uma tese que além dessa concepção, traz, ainda, a concepção lúdica: **“Como Reverbera a palavra- Contribuição a uma teoria Interdisciplinar de Educação” (PUC/SP) (BLUMENSCHHEIN, 2007)**. A autora apontou como sendo a relevância da pesquisa as dificuldades que cotidianamente são mostradas pelos alunos que, ao ingressarem na universidade, apresentam desajustes em relação à palavra oral e escrita: alguns não conseguem refletir e argumentar a respeito de temas expostos por não terem, muitas vezes, bagagem cultural aprimorada.

A pesquisa teve como público alvo alunos do curso de Direito, na disciplina Redação e Linguagem Jurídica, em que a interpretação é “o grande lance” dos operadores nessa área. Blumenschein questiona a origem da palavra lida e como a trata o olhar Interdisciplinar. “A leitura, a palavra está de acordo com a experiência individual, as convenções da época, a perspectiva política e emocional (p.44)”. Para a autora, o homem se reconhece na leitura da palavra, da poesia. De acordo com ela, é por meio da palavra, da linguagem, que interpretamos o mundo, nos reconhecemos nele, nos construímos e nos posicionamos. O trabalho com paráfrases, diz ela, é o modo como o leitor revela o produto de sua interação com o texto. Assim, deve-se “possibilitar ao indivíduo exercer sua capacidade de produzir ações, novas significações, portanto novas palavras, e não apenas repetir as consagradas.” (p.148)

Considera-se desta maneira, a leitura sendo concebida como produção cultural do homem, o aluno por meio de mediações, da forma como se relaciona com o texto, reconceitua-o, não busca apenas, enquanto aluno de graduação, definições e conceituações prontas em livros, apostilas ou telas de computador. Ao contrário, cria divergências entre os textos considerando o contexto e as práticas de leitura. Com essa postura, o que se busca, no dizer de Britto (2009), são adultos que não sejam intelectualmente infantilizados, incapazes de ler e pensar o mundo.

No quadro 4, observamos as concepções e teses analisadas:

CONCEPÇÃO	TESE	ANO
Autoritária/Decodificação	O papel da leitura e da escrita nos movimentos de inclusão e exclusão das camadas populares na universidade.	2004

Autoritária/decodificação	Leitura e formação docente: a trajetória da prática da leitura de alunos (as) do curso de Letras.	2005
Lúdica/Análise crítica	Como reverbera a palavra: contribuição a uma teoria interdisciplinar de educação.	2007
Lúdica/ Objeto de prazer	Retrato em branco e preto de hibridismo midiático: práticas culturais dos estudantes de licenciatura da UFRJ, futuros professores.	2004
Avaliação/decodificação	Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes.	2004
Lúdica/Análise crítica	Interdisciplinaridade / Comunicação / Educação Leituras, Narrativas e Metáforas.	2006

Quadro4 - Concepções das Teses analisadas
Elaboração própria

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Em tudo há uma fresta
E é por aí que a luz penetra.
(Leonardo Cohen, 1992.)*

Parece-me relevante retomar alguns tópicos enfocados nos capítulos anteriores para as considerações finais. Assim sendo, no primeiro capítulo que segue a introdução, apresentei a relação existente entre leitura, conhecimento e pesquisa. O capítulo centrou-se na explanação da leitura enquanto prática que, com o passar do tempo, ocupou diferentes lugares e funções na sociedade, constituindo-se desde os mais tenros tempos em objeto de mobilização e diferenciação entre as classes. Concomitante, tratei das formas de ler, do sujeito leitor em suas diferentes épocas e maneiras. Foram desenvolvidas questões referentes à constituição do conhecimento e do indivíduo por meio da leitura, mais especificamente do estudante universitário, no cenário em que se encontra o Ensino Superior hoje, tempo em que interesses mercantis conduzem todo o processo educativo. Também em relação à leitura, por meio de pesquisa bibliográfica, foram constituídas as concepções de leitura, mais especificamente da leitura no Ensino Superior. Tratei de questões ligadas à alfabetização e ao letramento enquanto elementos indissociáveis em relação à escrita e à constituição do conhecimento. Ao trazer à discussão aspectos relacionados à leitura e ao conhecimento do estudante universitário, esbocei a importância das pesquisas em leitura, bem como a pertinência dos conhecimentos e da sua produção relativa ao indivíduo.

No segundo capítulo, a preocupação esteve no objetivo primordial do trabalho, ou seja, a análise do corpus da pesquisa, as seis teses da área da Educação. Analisei nas mesmas, após um Estado da Arte e por meio de análise de conteúdo, as diferentes concepções que embasam e delimitam a prática de leitura no meio universitário, e para tanto, busquei o aprofundamento na questão de pesquisa com diferentes frentes: a leitura tida como prática estanque, no universo cultural do indivíduo, prática isolada que se constitui de elementos exteriores ao mesmo tempo como de maneira impositiva – e a leitura em sua constituição totalmente atrelada ao indivíduo, ao seu meio social e cultural, em que o próprio indivíduo se constitui, ao mesmo tempo em que constitui a leitura.

Na sequência, fiz a apresentação dos dados obtidos no levantamento empírico que, em síntese, explicitou o corpus selecionado, ou seja, os critérios adotados para a seleção do mesmo. Foram discriminados os procedimentos para a coleta e análise dos dados.

Organizados os dados por meio de quadros e gráficos, procedi à leitura e análise à luz dos pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa, estabelecendo um diálogo com as distintas concepções da leitura na formação acadêmica.

Priorizando as questões que motivaram esta pesquisa coube questionar: Quais as diferentes concepções de leitura do estudante acadêmico subjacente a teses? O que se tem pesquisado sobre a leitura do estudante universitário, ou seja, quais as formas de ler desse estudante? Ao que está atrelada esta forma de ler do estudante acadêmico? Como esse estudante universitário está se constituindo enquanto profissional e indivíduo?

À vista do que resultou a pesquisa, resta a constatação de que ainda há muito o que pesquisar sobre a temática leitura, principalmente do aluno acadêmico, considerando-se que por meio da análise das teses é possível transver o caminhar de grandes pesquisadores, principalmente ao nos depararmos com o rigor científico no qual as mesmas foram constituídas. Por meio dessas foi possível enxergar para frente e para trás, ou seja, os níveis anteriores ao Ensino Superior bem como o que o sucederá.

A análise das teses, ainda que restritas ao limite imposto pela acessibilidade, levou-me ao conhecimento do andar das pesquisas sobre leitura, assim, pude detectar a presença marcante, se não quase que totalitária, da figura feminina nas pesquisas referentes a esta temática, fato este, talvez, justificável pelos cursos e áreas de licenciatura que têm relação direta com os níveis de formação e alfabetização considerando-se que a área de Educação foi a mais presente. Essa pesquisa tão limitada ao universo feminino, me parece, pode ser em si, inclusive, excelente fonte para uma outra, futura, pesquisa. A concentração das pesquisas está situada na região Sudeste do país, bem como em instituições de nível superior privadas.

Em relação às concepções, por meio do referencial bibliográfico pude chegar à constatação de cinco concepções de leitura, sendo três explícitas no referencial teórico e duas constituídas por meio da interpretação e estudo do mesmo, sendo elas: decodificação, avaliativa, autoritária, objeto de prazer/ lúdica e análise crítica.

Por meio da análise do material empírico, pude constatar que, em relação às formas de conceber a leitura no ambiente acadêmico, há um predomínio pelo lúdico, em que se busca, o prazeroso e significativo ao aluno. Observei, assim, que o que está imperando é a pedagogia do mais fácil, do que é familiar ao aluno, prática esta que auxilia na manutenção (e limitação)

do conhecimento existente; notei muitas vezes, nas teses analisadas, a necessidade de um maior respaldo e domínio teórico na prática pedagógica, para compreenderem a própria prática.

Não de maneira distinta, pude, também, observar a concepção autoritária e de decodificação de leitura. Nela, a prática leitora é vista como uma competência estanque de outros processos atrelados à constituição do conhecimento em que se busca desenvolver uma habilidade que sirva aos interesses imediatos da sociedade, sem qualquer relação com o universo individual do aluno, de forma que seu conhecimento de mundo não é levado em conta.

Os resultados desta análise permitem-me sustentar que, embora se constate o predomínio de uma determinada concepção, nenhuma existe de forma totalitária nos trabalhos analisados, existindo sim um cruzamento entre elas.

Pela leitura das concepções, pude perceber sob que viés caminha a formação do estudante universitário: o viés do profissional que atende à demanda da sociedade capitalista, que, por sua vez, anseia por indivíduos competentes naquilo que ela precisa, mas que se contenta com a manutenção do que já sabe, com os recursos do seu meio. Sendo assim, ficamos a reflexão sobre o tipo de indivíduo que o Ensino Superior está formando por meio das práticas de leitura. Busca (o Ensino Superior) formar um indivíduo holístico dotado de anseios, singularidades que se espera constituir-se um ser melhor frente ao mundo e às injustiças sociais ou, apenas, um cumpridor de tarefas, que não questiona, não reflete, não consegue transver a própria realidade?

Nesse aspecto, o trabalho norteado pela concepção lúdica dá margem para que o indivíduo questione e reflita sobre a própria realidade por meio de textos literários e produções que caminhem em consonância com o que lhes toca ao ser, à alma. Mas até que ponto isto basta, ao ser crítico, quando o que falta ao aluno é bagagem cultural? Ao nortear-se somente por essa concepção, age-se como se estivesse a construir a prática pedagógica sobre castelos de areia, sem um alicerce que a sustentasse.

Ao afirmar ao longo do trabalho que o indivíduo constitui-se de palavras e por meio da leitura, já se evidenciou o papel da mesma no Ensino Superior, etapa tida como a última na qual o aluno terá acesso a uma aprendizagem sistemática. Isso posto, há que se refletir a respeito de práticas que possam vir ao encontro da construção de um Ensino Superior que prime por um ser humano melhor, bem como por um profissional melhor. É preciso perceber que, ao priorizar-se no processo ensino-aprendizagem a densidade dos conteúdos, o rigor em

relação às leituras, bem como a utilização de metodologias diferenciadas, se está criando possibilidades para que o aluno universitário se posicione, questione, interprete, e transponha esse conteúdo para a sua escrita, possibilidades para que, na constituição do conhecimento, ouse e acredite em si mesmo.

Para isso faz-se necessário tomar cuidado com os modismos educacionais, métodos e estratégias que são apenas uma entre muitas, mas que com certeza não vão resolver todos os problemas da leitura no Ensino Superior. Há que se considerar o novo, mas sem desprezar as tradições, considerando-se que estas são a raiz do que fundamenta muitas práticas educativas. Conforme abordado na maioria das teses, o professor deve perceber-se como orientador e mediador de aprendizagem, no entanto, a prática de orientação e medição não pode ser confundida com imposição de tarefas descontextualizadas, bem como de ideias.

Contudo, o que se observa nas salas de aula, tanto do nível superior como em outros níveis, segundo relato das teses, é que não existe uma prática constante com tipos diversos de texto, análise e interpretação. Essa prática estanca a dificuldade, conforme visto, o desenvolvimento do aluno no Ensino Superior, considerando-se que esse, muitas vezes, não consegue acompanhar a matéria, tem grande dificuldade com a interpretação de textos, com o vocabulário e em consequência com as manifestações de escrita. Essa severa falha no entendimento dos textos, não raramente, impossibilita o aluno de compreender vocabulário, conceitos e ideias específicos ao curso.

Somando-se a tudo, temos, ainda, a constatação de salas superlotadas nos cursos de graduação, com cem alunos ou mais, a presença de professores despreparados e sem formação específica, direcionando o compromisso com o ensino da língua materna exclusivamente ao professor da disciplina específica, como se apenas nessa aula o aluno precisasse ler, interpretar e posicionar-se. Essa realidade está diretamente relacionada ao Ensino Superior, hoje, no qual o que se objetiva é a quantidade em detrimento da qualidade.

Faz-se necessário parar com o “jogo de empurra”, em que em cada série e nível responsabilizam-se os anteriores pelo fracasso do aluno em relação à leitura e, em consequência, pelo fracasso na construção do conhecimento. É preciso que cada um cumpra com seu papel enquanto educador, e isso só ocorrerá se o profissional se dispuser a abastecer-se teoricamente, executando sua função de mediador no processo de leitura, enquanto leitor mais experiente que considera a pertinência dos diferentes contextos sociais do universo do aluno bem como da necessidade das diferentes formas de cultura.

É preciso considerar as palavras de Larrosa Bondía (1999) ao argumentar que a cultura, e por que não a leitura, é algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós. Mas quando uma forma converte-se em fórmula, em bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado e falsificado. Tudo aparece de tal forma que está despojado de mistério, de realidade, de experiência, de vida.

Assim, pode-se concluir que enquanto se está insatisfeito existe um caminhar. Assim, há que se ser polêmico e divergente, há que se questionar se um determinado caminho deve ou não ser seguido. Questionar, avaliar e determinar o que há de bom em cada concepção, visto que uma única forma de abordagem não se basta.

Com a conclusão desta pesquisa, não almejo finalizar e sedimentar as pesquisas referentes às concepções inerentes à prática de leitura no Ensino Superior, pois há, ainda, muito que pesquisar. Busquei, no entanto, aprofundar-me na questão e trazer elementos para o debate em torno da leitura do estudante do Ensino Superior, levando em conta que a luz penetra em toda fresta. Basta deixar a luz entrar.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1982, 2ª edição.
- ALVES, Laura Maria Silva. **Leitura e universidade: comportamento de leitura na formação do Pedagogo da UFPA**. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar>>. Acesso em 20 abr. 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARTHES, R; COMPAGNON. A. Leitura. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/casa da moeda, 1987. v.11. p.184-206
- BAYMA, Andrea Cristina Pavão. **O papel da leitura e da escrita nos movimentos de inclusão e exclusão das camadas populares na universidade**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) Depto. de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- BENEVIDES, Araceli. **Sobreira Leitura e formação docente: a trajetória da prática da leitura de alunos(as) do curso de Letras**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, RN, 2005.
- BLUMENSCHHEIN, Edna Camille. **Como reverbera a palavra: contribuição a uma teoria interdisciplinar de educação**. Tese (Doutorado em Educação-Currículo), Pontifícia Universidade Católica/SP, São Paulo; 2007.
- BOTELHO, Maria da Glória Baker. **Retrato em branco e preto de hibridismo midiático: práticas culturais dos estudantes de licenciatura da UFRJ, futuros professores**. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica/RJ, Rio de Janeiro, 2004.
- BOURDIEU, P; CHARTIER, R. **A leitura: uma prática cultural**: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento. **Caleidoscópio**, v. 5, n.1, maio 2007, p. 24-30.
- _____. Leitura de estudo de estudantes universitários de IES periférica – uma aproximação. **Avaliação**. Campinas, SP: v. 10, n. 4, 2005, p. 129 – 140.
- _____. Leitura e escrita de estudantes universitários. In: BRITTO, L. P. L. **Contra o Consenso**: cultura escrita, educação e participação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, 175-194 p.
- _____. Leituras de infância e formação cultural. **Revista Patio Educação Infantil**, Porto Alegre. RS: Artmed Editora, v. 7, n. 20, p. 14-16, jul./out. 2009.
- _____; TOREZAN, Ana Maria. **Estratégias de aprendizagem utilizadas em atividades de estudo por estudantes universitários de primeira geração de longa escolaridade**. Sorocaba, SP: Uniso, 2002. Projeto de pesquisa FAPESP
- CARVALHO, Marlene. A leitura dos futuros professores: por uma pedagogia da leitura no ensino superior. **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 3, n.5, jan/jun 2002.
- _____; SILVA, M. Como ensinar a ler a quem já sabe ler. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, RJ, v. 21, n. 121, jul/1996, p. 68-72.

CASTELLO-PEREIRA, Leda Tessari. **Leitura de estudo**: ler para aprender a estudar e estudar para aprender a ler. Campinas, SP: Alínea, 2003.

DIAS SOBRINHO, J. Avaliação e transformações da Educação Superior Brasileira (1995-2009): do Provão ao SINAES. **Revista Avaliação da Educação Superior**. Campinas, SP, v.15, n.1, mar. 2010, p. 195-223.

_____. **Dilemas da Educação Superior no mundo globalizado**. Sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da arte”. **Educação e Sociedade ano XXIII**. ano 23, n. 79, ago. 2002, p. 257-258.

_____. **A pesquisa sobre leitura no Brasil 1980-1995**. Campinas, SP: Komedi; Arte escrita, 2001.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 46 ed., 2005.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget Experiências básicas para utilização pelo professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HANSEN, João Adolfo. O desempenho em redação. **Quaestio**. Sorocaba, SP: v.10, n.1/2, maio/nov. 2008, p. 13 – 33.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: Teoria e Prática. 9 ed., Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Cefiel/IEL/Unicamp, MEC 2005-2010. P. 7-21.

_____. **Texto e Leitor Aspectos cognitivos da leitura**. 12 ed.. São Paulo: Pontes, 2009.

_____; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade** - tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado de letras, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2 ed.. São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Seminário Internacional de Educação de Campinas I, 15-16 jun. 2001, Campinas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. p. 20-28

_____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1999.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1999

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

- MINAYO, Maria Cecília de S.. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 5 ed. São Paulo: Hucitec – Abrasco, 1998.
- MUNHOZ, Alicia Maria Hernandez. **Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes**. 2004, Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.
- OLIVEIRA, Maria Helena Mourão Alves de. Funções da leitura para estudantes de graduação. **Psicol. esc. educ.**, 1996, v. 1, n. 1, p. 61-68
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 5 ed. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2002
- SARDELICH, M. Emília. Leitura de imagens e cultura visual: descrevendo conceitos para a prática educativa. **Educar**, Curitiba, PR, n.27, p 203-219, 2006.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Expansão do Ensino Superior: contextos, desafios, possibilidades. **Revista da avaliação da Educação Superior**. v. 14, n. 2. p. 253-266, jul. 2009.
- SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Campinas: Educ. Soc., v. 23, n.81, dez. 2002, p. 143-160.
- SOUZA, Renata J.; GURITTO, Cintia G. G. S. A constituição do leitor: ambientação, espaços textualizados, cantos e recantos ou a negação da leitura como prática emancipatória? **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 10, n.1/2, p. 95-114, maio/nov. 2008
- VARELLA, Ana Maria R. Sanchez. **Interdisciplinaridade/Comunicação/Educação Leituras, Narrativas e Metáforas**. 2006, Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica SP, São Paulo, 2006.
- VICENTILI. **Problemática de la lectura em estudiantes universitários**. Psicologia escolar e educacional. Campinas. Alínea, 2002.
- WITTER, Geraldina Porto. Leitura e universidade. In: WITTER Geraldina Porto (org). **Psicologia: leitura e universidade** Campinas: Alínea, cap. 1, 1997, p. 09-18.

ANEXO A - FICHAS DE RESUMOS DE TESES DA CAPES

FICHA Nº 1

BENEVIDES ,Araceli Sobreira. LEITURA E FORMAÇÃO DOCENTE- A TRAJETÓRIA DA PRÁTICA DA LEITURA DE ALUNOS(AS) DO CURSO DE LETRAS. 01/11/2005

1v. 369p. Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - EDUCAÇÃO

Orientador(es): MARIA BERNADETE FERNANDES DE OLIVEIRA

Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA SETORIAL DO CCSA

Email do autor:

Palavras - chave:

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, ENSINO DA LEITURA, FORMAÇÃO

Área(s) do conhecimento:

EDUCAÇÃO

Banca examinadora:

JOÃO WANDERLEY GERALDI

MARIA ANTONIA TEIXEIRA DA COSTA

MARIA BERNADETE FERNANDES DE OLIVEIRA

MARIA DA CONCEIÇÃO FERRER BOTELHO S. PASSEGGI

MARIA ESTELA COSTA HOLANDA CAMPELO

MARIA ESTER VIEIRA DE SOUSA

Linha(s) de pesquisa:

1.4 FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE Pesquisa os proc. format. de professores com base em abord. teor. que têm eixo norteador a profissional. docente. Estuda proc. de construção de saberes e competências dos prof. na persp. de definir e trab. as bases epistemol. da form. inicia/ continuada.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese:

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Federal

Resumo tese:

Este trabalho analisa a prática da leitura e a reflexão crítica na formação do profissional de Letras e busca refletir sobre as condições de acesso aos conhecimentos necessários para os professores de língua materna. Este estudo é resultado de uma pesquisa-ação desenvolvida com alunos do 6º período, da disciplina Leitura, da Faculdade de Letras e Artes, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O corpus desta pesquisa constitui-se de um memorial de leituras, no qual os alunos relatam suas experiências de leitura e a sua compreensão a respeito da formação de leitores/as no curso de Letras. Desta forma, resgata-se, através do discurso, a dimensão crítico-reflexiva da prática da leitura, a partir dos modos como esta prática se insere no cotidiano de cada aluno, além de analisar o papel da leitura em suas vidas e a relação experiência x história de vida para a construção de uma imagem de leitor. A fundamentação teórica do estudo está centrada nos trabalhos sobre histórias de vida, baseada em Josso e Nóvoa; na concepção dialógica da linguagem, baseada em Bakhtin; nas teorias sobre leitura e letramento, destacando Barton, Geraldí, Kramer, Larrosa e Pennac e nas teorias atuais sobre formação docente. A análise dos relatos, dos questionários e de notas de aula indica os momentos-charneiras mais importantes vivenciados pelos/as estudantes do curso de Letras em sua trajetória pessoal e formativa e revela quais são as disciplinas do Curso de Letras que mais proporcionam práticas de leitura e, conseqüentemente, quais professores se destacam como mentores, por estimularem a leitura. Além disso, a análise também revela o silêncio da formação, evidenciado pelo não-dito sobre a leitura na formação do curso de Letras e as transformações pelas quais a professora-formadora passou no decorrer da pesquisa. Propondo a prática da leitura como uma experiência dialógica voltada para a autonomia, esta pesquisa focaliza a reflexão produzida pela compreensão do papel do/a formador/a ante as experiências vivenciadas pelos educandos e ante os conhecimentos construídos nessa vivência. Conclui-se que este trabalho serve de reflexão sobre a própria experiência docente para que formadores/as e alunos (re) estruturarem as atividades de leitura de modo que estas contribuam para a formação de professores-leitores reflexivos

FICHA Nº 2

Varella. Ana Maria Ramos Sanchez. Interdisciplinaridade/Comunicação/Educação Leituras,

Narrativas e Metáforas. 01/11/2006

1v. 142p. Doutorado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - EDUCAÇÃO (CURRÍCULO)

Orientador(es): Ivani Catarina Arantes Fazenda

Biblioteca Depositária: PUC-SP

Email do autor:

Palavras - chave:

Comunicação¹, Narração², Metáfora³, Interdisciplinaridade⁴,

Área(s) do conhecimento:

EDUCAÇÃO

Banca examinadora:

Beltrina Purificação da Corte Pereira

Ivani Catarina Arantes Fazenda

Nádia Dumara Ruiz Silveira

Ricardo Hage de Matos

Ruy César do Espírito Santo

Linha(s) de pesquisa:

INTERDISCIPLINARIDADE Estuda fundamentos epistemológicos, praxiológicos e operacionais, com origem na Teoria da Interdisciplinaridade, tendo em vista a formação e prática de educadores dos diferentes níveis de ensino, tendo como objetivo a inserção dos mesmos no cotidiano das

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

Como os princípios e procedimentos da teoria Interdisciplinar podem ajudar em mudanças na prática docente? Esta é a pergunta geradora desta investigação, que nasceu de uma intervenção durante as aulas de Língua Portuguesa, em uma Universidade privada, em São Paulo, nos anos de 2000 a 2006 e deu origem ao Projeto Incentivo à leitura e escrita. O registro ocorreu de diferentes formas: depoimentos escritos, vídeos, fotos, desenhos e livros. A relevância desta investigação encontra-se no fato de que muitos alunos, ao ingressarem na Universidade, apresentam dificuldades em relação às linguagens oral e escrita. Alguns não conseguem refletir, argumentar a respeito de temas expostos, por não terem uma bagagem cultural tão aprimorada. Escrevem da forma que falam, não se preocupam com coerência, clareza e coesão das idéias. Fazenda, Fourez, Ricoeur e outros autores subsidiaram teoricamente o trabalho. A metodologia utilizada fundou-se em princípios anteriormente construídos por Gauthier, com a metáfora como referência, Pineau, com as Histórias de vida e Fazenda traçando caminhos para uma investigação que tem a Ego-história como pressuposto. Escuta, desafio, desapego e humildade foram alguns dos princípios interdisciplinares geradores de atitudes, que impulsionaram ações integradas em aulas de Língua Portuguesa. Entre elas recursos como leitura de diferentes textos, elaboração de narrativas, busca de metáforas. Procurou-se analisar em que medida eles contribuíram para uma melhor comunicação na educação. As conclusões do trabalho revelaram que as aulas, com incursão na literatura, mobilizam, no aluno, o sentido de investigar-se, ajudando-o a enfrentar desafios e abrindo novos horizontes em sua vida. As ações integradas podem tornar-se elementos mobilizadores, capazes de gerar auto-identificação e auto-transformação

FICHA Nº 3

Alicia Maria Hernandez. "Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes" 01/02/2004

1v. 120p. Doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - EDUCAÇÃO

Orientador(es): MARCIA REGINA FERREIRA DE BRITO DIAS

Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

Email do autor:**Palavras - chave:**

Inteligência; Desempenho acadêmico; Vestibular.

Área(s) do conhecimento:

EDUCAÇÃO

Banca examinadora:

ANA PAULA PORTO NORONHA

LUIZ CARLOS DE FREITAS

MARCIA REGINA FERREIRA DE BRITO DIAS

Ricardo Primi

SOELY APARECIDA JORGE POLYDORO

Linha(s) de pesquisa:

Desenvolvimento Humano, Psicologia e Educação Estudos sobre as diferentes dimensões do desenvolvimento do ser humano e das condições históricas, sociais e culturais em que ele ocorre, assim como de aspectos específicos de certos períodos do desenvolvimento e suas implicações na prática social

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:**Idioma(s):**

Português

Dependência administrativa

Estadual

Resumo tese/dissertação:

O Presente Estudo Tem Como Objetivo Analisar As Possíveis Correlações Entre O Desempenho Cognitivo E O Acadêmico Tendo Como Sujeitos Estudantes Universitários. Método: Participaram Deste Estudo 960 Estudantes, De Ambos Os Sexos, De Uma Universidade Particular Do Estado De São Paulo Das Carreiras De Administração, Engenharia Civil, Letras, Matemática, Medicina, Odontologia, Pedagogia E Psicologia. Foram Utilizadas Medidas De Raciocínio E Desempenho Acadêmico. Das Medidas De Raciocínio Constam Provas De Raciocínio Indutivo, Lógico-Dedutivo, Compreensão De Leitura E Conhecimentos Gerais. Das Medidas Acadêmicas Constam Os Resultados Do Vestibular E As Médias Nas Disciplinas. O Vestibular É Bom Preditor Para Algumas Carreiras.

FICHA Nº 4

BAYMA, Andrea Cristina Pavão. O papel da leitura e da escrita nos movimentos de inclusão e exclusão das camadas populares na universidade. 01/04/2004

1v. 196p. Doutorado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - EDUCAÇÃO

Orientador(es): Tania Dauster Magalhães e Silva

Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUC

Email do autor:

Palavras - chave:

leitura, escrita, universidade, setores populares, inclusão

Área(s) do conhecimento:

EDUCAÇÃO

Banca examinadora:

Gilberto Cardoso Alves Velho

Leandro Augusto Marques Coelho Konder

Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald

Marisa Philbert Lajolo

Linha(s) de pesquisa:

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

CAPES

FAPERJ

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

O ponto de partida desta tese é o debate em torno de políticas de ação afirmativa voltadas para afro-descendentes e estudantes oriundos de escolas públicas no Rio de Janeiro. No âmbito deste debate, lanço meu olhar para o papel da cultura escrita no interior do projeto de vir a ser universitário para os setores populares. Afastando-me da ideologia do déficit, procuro enfrentar a discussão sobre a desigualdade imposta pelo sistema educacional no Brasil, no que diz respeito, especificamente, à relação dos setores populares com a cultura escrita. Com este objetivo, foram realizadas entrevistas e observação participante em duas universidades, sendo uma pública e outra privada. Houve, também, um processo de imersão em uma comunidade de baixa renda e, além disso, buscou-se estabelecer uma aproximação em três espaços de formação engajados nos movimentos de inclusão e permanência destes setores na universidade: um pré-vestibular comunitário e dois projetos desenvolvidos nas duas universidades com o objetivo de minimizar as dificuldades específicas apresentadas por estes grupos em relação à leitura e à escrita. Trabalhando com o conceito da leitura e da escrita como práticas sociais, a pesquisa aponta para a dimensão formadora da universidade (ao menos as que foram pesquisadas), menos por eventuais estratégias pedagógicas mas, principalmente, por processos de socialização em uma comunidade de leitores formada por professores com nível de letramento elevado e um ambiente favorável. A universidade é apontada como um espaço propício à apreensão do habitus destas práticas, seus gestos e objetos que compõem um tipo de sociabilidade característico e que, por diversas razões, infelizmente, não se dá de forma satisfatória, ao longo dos ensinamentos fundamental e médio.

FICHA Nº 5

Blumenschein .Edna Camille.Como reverbera a palavra- contribuição a uma teoria interdisciplinar de educação.
01/05/2007

1v. 158p. Doutorado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - EDUCAÇÃO
(CURRÍCULO)

Orientador(es): Ivani Catarina Arantes Fazenda

Biblioteca Depositária: PUC-SP

Email do autor:**Palavras - chave:**

Interdisciplinaridade - educação - comunicação - intersubjet

Área(s) do conhecimento:

EDUCAÇÃO

Banca examinadora:

VERA MARIA ANTONIETA TORDINO BRANDÃO

Linha(s) de pesquisa:

INTERDISCIPLINARIDADE Estuda fundamentos epistemológicos, praxiológicos e operacionais, com origem na Teoria da Interdisciplinaridade, tendo em vista a formação e prática de educadores dos diferentes níveis de ensino, tendo como objetivo a inserção dos mesmos no cotidiano das

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

PUC.SP - Dissídio

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

Como reverbera a Palavra? Esta é a pergunta geradora desta investigação, que nasceu no decorrer de anos lecionando Língua Portuguesa, no ensino superior, numa universidade privada, em São Paulo. E considera que a Palavra vem a luz no processo comunicativo, egressa da intersubjetividade, após o exercício da alteridade. A relevância deste trabalho advém das dificuldades cotidianamente mostrada pelos alunos que, ao ingressarem na universidade, apresentam desajustes em relação à palavra oral e escrita: alguns não conseguem refletir e argumentar a respeito de temas expostos por não terem, muitas vezes, bagagem cultural aprimorada: proferem a Palavra descuidados, não se preocupando com a recepção da Palavra pelo outro. A partir de um procedimento metodológico exegético, procurei estabelecer as fronteiras de um diálogo que articula a leitura de autores como: Fazenda, Lenoir e Ricoeur na Interdisciplinaridade; Fucks, Greimas e Saussure na Linguística; Bakhtin, Orlandi e Wittengenstein na Filosofia da Linguagem e Berlo, Jakobson e Watzlawick na Comunicação, autores esses que referenciam os caminhos teóricos do tema que acercam a Palavra em seu movimento e força. Os assuntos tratados evidenciam a humildade, coerência, espera, respeito e desapego, princípios geradores da Interdisciplinaridade, como vetores para a questão da Palavra dita, silenciada e interdita. Assim, esta investigação espera mobilizar o leitor-professor em direção à discussão da Palavra, abarcando a influência que exerce sobre o comportamento humano, nas perigosas distorções que sofre, impeditivas do diálogo, do entendimento e da universalidade da cultura

FICHA Nº 6

Maria da Glória Baker Botelho. Retrato em branco e preto de hibridismo midiático: práticas culturais dos estudantes de licenciatura da UFRJ, futuros professores. 01/09/2004

1v. 298p. Doutorado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - EDUCAÇÃO

Orientador(es): Rosaly Hermengarda Lima Brandão Zaia Brandão

Biblioteca Depositária: Biblioteca central da PUC

Email do autor:**Palavras - chave:**

educação, práticas culturais, formação de professores, proto

Área(s) do conhecimento:

EDUCAÇÃO

Banca examinadora:

Alicia Maria Catalano de Bonamino

Jailson de Souza e Silva

Luiz Cavalieri Bazilio

Ralph Ings Bannell

Linha(s) de pesquisa:

Educação, Relações Sociais e Construção Democrática Esta linha de pesquisa investiga o tema da democratização da educação. Inclui a análise de políticas macrossociais e de práticas formuladas e implementadas no contexto das famílias e de instituições educacionais. Enfatiza a compreensão tanto dos processos

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

CAPES

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

Pesquisou-se as práticas culturais dos estudantes dos cursos de licenciatura da UFRJ com o objetivo de verificar a hipótese de que as variações nas práticas culturais destes jovens estudantes universitários, analisadas segundo suas inserções na universidade por centros universitários (CFCH, CCMN, CCS e CLA), podem ser atribuídas também ao que se propôs como variáveis de convivialidades, além das variáveis explicativas tradicionais (sócio-econômicas e demográficas). O questionário, respondido por 369 alunos dos cursos de Psicologia da Educação II em 2003/2, com pelo menos dois anos de vida universitária, foi construído a partir de 4 constructos: Protoculturas, Culturas de volume, Culturas de lazer e Culturas sócio-digitais. A análise, descritiva simples, seguida por análise descritiva discriminante, multivariada, em caráter exploratório, indicou que a hipótese parece estar correta porque os dados revelaram que a leitura é a atividade com que estes jovens mais dispõem seu tempo ? uma variável de convivialidades, enquanto ?leitura privatizada?, em diferentes estilos: leitura de revistas, de jornais, de livros ou capítulos xerocados, de Google ou de E-mails